



Arthur Conan Doyle

A Nova Revelação

Contendo
a biografia de Arthur Conan Doyle

Conteúdo resumido

Sir Arthur Conan Doyle, criador do famoso personagem Sherlock Holmes, foi também um dos desassombrados estudiosos e divulgadores do Espiritismo.

Nesta obra ele descreve os estudos e experimentações que empreendeu durante vários anos, que o levaram a abraçar definitivamente a Doutrina dos Espíritos.

Relata os esforços que realizou na divulgação da Nova Revelação, no seu aspecto religioso, através de conferências em que expunha e analisava os fenômenos psíquicos e suas conseqüências espirituais.

Contém, ainda, uma biografia do autor, que mostra a evolução das idéias de Conan Doyle sobre o Espiritismo.

Prefácio

Muitos espíritos, mais filosóficos do que o meu, se têm sentido atraídos pela feição religiosa deste assunto e grande número de inteligências mais científicas do que a minha têm volvido a atenção para os fenômenos psíquicos. Até agora, porém, que eu saiba, ainda ninguém tentou demonstrar a exata relação que existe entre os dois aspectos do problema. Entendo que se me fosse dado lançar alguma luz sobre esse ponto, muito teria eu contribuído para resolver-se a questão que mais importa à Humanidade.

Mrs. Piper, célebre médium, proferiu em 1899 algumas palavras que o doutor Hodgson registrou. Achando-se em estado de hipnose, ela foi levada a falar do Espiritismo religioso e declarou:

“No século vindouro, o Espiritismo se terá tornado maravilhosamente acessível ao entendimento humano. Anunciar-vos-ei, além disso, uma coisa cuja realização poderá comprovar. A evidente percepção das nossas relações com o Além será precedida de uma guerra terrível, que abalará diversas partes do mundo. Antes que, pela visão espiritual, os mortais possam ver a seu lado os amigos que deixaram de viver na Terra, mister se faz que o mundo inteiro seja purificado e por aquele meio é que ele alcançará a perfeição.

Amigos, refleti muito.”

Tivemos a guerra terrível nas diferentes partes do mundo. Aguardamos que se cumpra o resto da predição.

As Pesquisas

A questão das investigações psíquicas é uma das que mais me têm feito pensar e, entre todas, aquela sobre a qual mais tardei em formar opinião.

De quando em quando, à medida que avançamos na vida, certos incidentes mínimos ocorrem que nos forçam a reconhecer que o tempo voa, que primeiro a juventude e depois a idade da madureza fogem precipitadamente. É o que ultimamente me sucedeu. Na excelente revista *Light*, há uma coluna consagrada a recordar os acontecimentos que, uma geração atrás, isto é, há trinta anos, se verificaram na data correspondente à em que nos achamos. Recentemente, percorria eu essa coluna quando de súbito deparei surpreendido com o meu nome e reli em letra de forma uma carta que escrevera em 1887, relatando interessante experiência verificada no curso de uma sessão espírita. Isso prova que data de longo tempo o meu interesse por esse assunto e prova também que não formei apressadamente sobre ele a minha opinião, visto que só há um ano ou dois me declarei satisfeito com a evidência.

Ao ver-me inserindo aqui, agora, a narrativa de algumas de minhas experiências e a indicação de dificuldades que se me entulharam, meus leitores não irão supor, assim o espero, que o faço por egotismo, mas sim por ser o melhor meio de assinalar pontos que provavelmente se apresentarão a qualquer investigador. Depois de haver transposto esse campo, poderei considerar algo de natureza mais geral e impessoal.

Ao concluir, em 1882, o curso de medicina, achei-me, como sucede à maioria dos médicos jovens, um materialista convencido, relativamente ao nosso destino pessoal. Jamais deixara de ser fervoroso deísta, por me parecer que ainda ninguém respondera a esta pergunta que, numa noite estrelada, Napoleão dirigiu a alguns professores ateus, quando em marcha para o Egito: “Quem foi, Senhores, que fez estas estrelas?” Porque, dizer que o Universo resultou da ação de leis imutáveis equivale apenas a

afastar mais para trás a questão, dando lugar a uma nova pergunta: “Quem é o autor dessas leis?”

Eu não acreditava, certamente, num Deus antropomórfico, mas cria então, como agora, em uma Força inteligente, presidindo a todas as operações da Natureza, força tão grande e tão infinitamente complexa que meu cérebro limitado não pôde nunca ir além do reconhecimento da sua existência. Considerava igualmente o bem e o mal como fatos tão óbvios que não reclamavam nenhuma revelação divina.

Sempre, porém, que encarava a questão de saber se as nossas insignificantes personalidades sobreviveriam após a morte, afigurava-se-me que todas as analogias da Natureza se pronunciavam contra essa sobrevivência. Consumida a vela, a luz se apaga. Quando a centelha elétrica se parte, cessa a corrente. A dissolução do corpo marca o fim da matéria. Cada um, ao impulso do seu egoísmo, pode julgar-se com direito a sobreviver; mas, quem quer que atente, diremos, num tratante de alta ou baixa hierarquia, será capaz de encontrar razão plausível a favor da sobrevivência de tal personalidade? Isso parecia ilusão e, assim, estava convencido de que a morte realmente punha fim a tudo, se bem não achasse que este fato fosse de molde a afetar os nossos deveres para com a Humanidade, durante a nossa transitória existência.

Essa a minha maneira de pensar, quando os fenômenos espíritos me chamaram a atenção. Sempre considerara esse assunto a maior tolice da Terra e, como tivera conhecimento das fraudes de alguns médiuns, perguntava a mim mesmo de que modo podia um homem sensato crer em semelhantes coisas.

Acontecendo, entretanto, que alguns amigos meus se interessavam pela questão, tomei parte com eles em sessões de mesas girantes, no curso das quais obtivemos mensagens conexas. Devo, todavia, confessar que o único efeito que em meu espírito produziram foi o de me tornarem um tanto suspeito de meus amigos. Foram mensagens quase sempre longas, soletradas por meio de movimentos da mesa e impossível era que representassem obra do acaso. Alguém, certamente, movia a mesa. Supus fossem meus amigos e eles, provavelmente, pensavam fosse eu.

Isto me perturbava e afligia, porque não os podia ter na conta de pessoas capazes de um embuste e não podia compreender a transmissão das mensagens senão por meio de uma consciente pressão exercida sobre a mesa.

Por essa época – seria em 1886 – me caiu nas mãos um livro intitulado: *As reminiscências do juiz Edmonds*. O autor era membro da Suprema Corte dos Estados Unidos e homem de grande reputação. Na sua obra, narrava, minuciosamente, como, morta sua esposa, pudera durante anos comunicar-se com ela.

Li esse livro com interesse, mas também com absoluto cepticismo. Para mim, aquilo era apenas exemplo da possibilidade de existir um ponto fraco na mente de um homem de caráter firme e prático, uma espécie de reação, por assim dizer, contra os fatos positivos com que lidava na sua vida cotidiana. Que espírito seria esse de que ele falava?

Suponhamos que um homem, num acidente, fracture a caixa craniana. Seu caráter pode mudar completamente. De uma natureza elevada pode tornar-se de outra muito baixa. Do mesmo modo, sob a influência do álcool, do ópio ou de qualquer droga semelhante, o espírito de um indivíduo pode mudar inteiramente. Tudo isso me demonstrava que o espírito depende da matéria. Tal a minha forma de raciocinar naquela época. Eu não percebia então que não era o espírito que, em tais casos, se modificava e sim o corpo que lhe servia para exercer sua atividade. Ninguém judiciosamente invocará como argumento contra a existência de um músico a circunstância de não produzir seu violino senão sons desagradáveis, por se haver estragado.

Contudo, muito estimulada fora a minha curiosidade, de sorte que continuei a ler todos os livros que me vinham às mãos, referentes ao assunto. Causou-me espanto notar que muitos homens eminentes, cujos nomes figuravam na vanguarda da ciência, se achavam inteiramente convencidos de que o espírito independe da matéria e lhe sobrevive. Enquanto considerei o Espiritismo como uma ilusão vulgar dos ignorantes, pude tratá-lo com desprezo. Desde que, porém, o vi amparado por sábios como Crookes, que eu sabia ser o maior químico da Inglaterra,

por Wallace, o rival de Darwin, e por Flammarion, o mais conhecido dos astrônomos, já me não foi possível desprezá-lo.

Fácil verdadeiramente era atirar para o lado os livros desses homens, com as suas minuciosas investigações e amadurecidas conclusões, e dizer: “Bem! Há em seus cérebros um ponto fraco.” Mas, muito satisfeito deve ficar consigo mesmo um homem se não vê chegar o dia de inquirir se o ponto fraco não está no seu próprio cérebro.

Por algum tempo ainda me mantive no meu cepticismo, considerando que muitos homens notáveis, como o próprio Darwin, Huxley, Tindall e Herbert Spencer, zombavam desse novo ramo de conhecimento. Mas, desde que soube que o desdém da parte deles chegara ao extremo de não quererem ao menos examiná-lo; que Spencer declarara repetidamente ter-se decidido contra ele baseado em razões *a priori*; que Huxley dissera não o interessar o assunto, fui forçado a admitir que, por maiores que fossem esses homens como cientistas, seu modo de proceder a tal respeito era dogmático e nada científico, ao passo que os que estudavam os fenômenos espíritas e procuravam apreender as leis que os regem, esses seguiam o caminho que nos há conduzido à realização de todos os progressos do saber humano. Tendo chegado tão longe o meu raciocínio, a minha posição de céptico já não era tão firme como dantes.

Como reforço a esse raciocínio, tive as minhas próprias experiências. Note-se que eu trabalhava sem médium, o que muito se assemelha a um astrônomo que não use de telescópio. Nenhuma faculdade psíquica possuo e ainda menos os que comigo colaboravam. Entre nós apenas conseguíamos reunir força magnética – ou o que assim se denomina – em quantidade suficiente para obter da mesa suas comunicações suspeitas e, muitas vezes, estúpidas.

Ainda conservo notas dessas reuniões e cópias de pelo menos algumas de tais mensagens, que nem sempre eram de todo estúpidas. Recordo-me, por exemplo, de que, de uma feita, tendo, em busca de provas, perguntado quantas moedas trazia nos bolsos, a mesa respondeu: “Estamos aqui para instruir e elevar as almas, não para adivinhações.” E acrescentou: “O que

queremos inculcar é um estado da alma religioso e não de crítica.” Creio que ninguém achará seja isto uma mensagem pueril. Por outro lado, perseguia-me sempre o temor de uma pressão involuntária das mãos dos assistentes.

A esse tempo, um incidente se produziu que me perturbou e desgostou muito. Encontrando-nos certa noite em excelentes condições, obtivéramos bom número de movimentos que pareciam independentes, em absoluto, da nossa ação. Recebêramos longas e minuciosas mensagens provindas, conforme nelas se dizia, de um Espírito que nos deu seu nome e declarou ter sido agente comercial e haver perdido a vida recentemente no incêndio de um teatro em Exeter. Fornecendo pormenores tão precisos, pediu-nos escrevêssemos à sua família, que vivia, segundo nos disse, num lugar chamado Slattenmere, no Condado de Cumberland. Assim fiz, mas o Correio me devolveu a carta, por ser desconhecido o lugar de seu destino. Ainda estou para saber se naquela sessão fomos enganados, ou se nos equivocamos ao tomarmos o endereço. Seja como for, o fato ocorreu qual o estamos narrando. Foi para mim uma decepção tal que diminuiu de muito, durante algum tempo, o meu interesse pelo assunto.

Era meu intuito estudar uma questão séria. Logo, porém, que ela começou a dar lugar a gracejos cuidadosamente arranjados, pareceu-me ser tempo de parar. Se no mundo existe um lugar chamado Slattenmere, mesmo agora, muito me alegraria sabê-lo.

Clinicava eu então em Southsea, onde residia o general Drayson, homem de caráter muito distinto e um dos pioneiros do Espiritismo nesse país. Confiei-lhe o embaraço em que me via e ele me ouviu com grande paciência. Não ligou importância às minhas críticas acerca da inutilidade de algumas daquelas mensagens e da absoluta falsidade de outras.

“A verdade fundamental ainda não a apreendestes – disse-me. – Essa verdade consiste em que cada espírito encarnado passa para o outro mundo exatamente como é neste, sem transformação alguma. O mundo que habitamos está cheio de fracos e néscios e o outro mundo também. Nenhuma necessidade tendes de vos envolverdes com os de lá, como não tendes a de vos misturardes com os daqui. Cada um escolhe seus companheiros.

Mas, suponde que aqui na Terra um homem, tendo vivido sempre só em sua casa, não convivendo com pessoa alguma, afinal se lembrasse de chegar à janela para ver em que espécie de lugar se achava. Que poderia acontecer? Que alguns garotos malcriados lhe dissessem grosserias. O que ele não lograria era conhecer coisa alguma da sabedoria ou da grandeza do mundo. Sairia da janela crente de encontrar-se num lugar ordinariíssimo. Foi precisamente o que vos sucedeu. Numa reunião heterogênea, sem objetivo definido, metestes a cabeça para observar o outro mundo e destes com uma turba de garotos malcriados. Prossegui e tratai de obter coisa melhor.”

Assim falou o general Drayson e, conquanto a sua explicação me não houvesse satisfeito no momento, acabei por compreender que ele asperamente me aproximara da verdade.

Tais foram os meus primeiros passos no Espiritismo. Continuava céptico, mas já era um investigador, e quando ouvia qualquer crítico da escola antiga dizer que ali nada havia a explorar, que tudo era embuste, ou que um prestidigitador bastaria para tudo desmascarar, já não tinha dúvida de que insensatez era dizer isso. Verdade é que as provas por mim reunidas até aquele momento ainda não haviam bastado para me convencem. Entretanto, das minhas contínuas leituras tirei a conclusão de que outros já tinham aprofundado muito a questão e reconheci que os testemunhos em favor do Espiritismo eram tão poderosos quais nenhum outro movimento religioso, no mundo, poderia apresentar que se lhes comparassem. Isso não provava que ele fosse a verdade, mas pelo menos provava que devia ser tratada com respeito e não atirada para o lado.

Tomemos como exemplo um só fato, que Wallace qualificou, com razão, de “milagre moderno”. Escolho-o por ser dos mais incríveis. Refiro-me à façanha de D. D. Home – que, seja dito de passagem, não era, como geralmente se supõe, um aventureiro pago e sim homem de boa família – atirando-se de uma janela a outra, a uma altura de setenta pés¹ do solo.

Não pude acreditar. Informado, porém, de que três testemunhas oculares atestavam o fato e que essas testemunhas eram lorde Dunraven, lorde Lindsay e o capitão Wynne, todos homens

honrados e de grande reputação, os quais mais tarde assentiram em afirmar o sucedido sob juramento, fui obrigado a admitir que a evidência, nesse caso, era mais direta do que com relação a qualquer dos longínquos acontecimentos que todo o mundo conveio em aceitar por verdadeiros.

Continuei sempre, durante todos esses anos, a fazer sessões de mesas falantes, cujos resultados foram, muitas vezes, nulos; de outras, insignificantes e, de algumas, surpreendentes. Ainda guardo as notas dessas sessões e vou reunir aqui os resultados de uma em que foram bem definidos, dando-me, acerca da vida de além-túmulo, informes tão opostos às minhas idéias a tal respeito que, então, mais me divertiram do que edificaram.

Tão intimamente concordantes, entretanto, os acho agora com as revelações de Raymond² e com outras mais recentes, que muito diversamente os considero. Sei que todas essas narrativas da vida no Além diferem nas particularidades – como diferem, creio, muitas das que se fazem da vida terrena, mas, em geral, há entre elas grande semelhança. No caso que vou relatar, o que de semelhante havia nas informações recebidas longe estava do conceito que, sobre aquela vida, formávamos as duas senhoras que comigo compunham o círculo das minhas sessões e eu.

Dois foram os espíritos que se comunicaram conosco e nos transmitiram mensagens. Do primeiro a mesa soletrou o nome: “Doroteia Poslethwaite”, nome que de todo desconhecíamos. Disse que morrera havia um lustro, em Melbourne, na idade de dezesseis anos; que era então feliz; que trabalhava e que freqüentara a mesma escola que uma das senhoras presentes. A meu pedido, a senhora indicada retirou as mãos da mesa e citou uma série de nomes. Ao ser pronunciado o nome exato da diretora da escola, a mesa se inclinou, o que nos pareceu uma prova. O Espírito disse mais: que a esfera em que vivia circundava a terra; que conhecia os planetas; que habita Marte uma raça muito mais adiantada do que a nossa e que os canais ali existentes são artificiais; que na esfera onde se achava não há males corporais, mas apenas ansiedade mental; que os espíritos eram governados e tomavam alimentos; que fora católica e ainda o era. Nem por isso, entretanto, se via mais bem tratada do que os protestantes.

Disse mais, que entre os da sua esfera havia budistas e maometanos, mas que todos tinham igual tratamento. Nunca vira o Cristo, nem dele sabia mais do que quando estava na Terra, porém acreditava na sua influência. Os espíritos, referiu, moravam e morriam na esfera em que se encontravam antes de passarem a outra; que lhes eram proporcionados prazeres como, por exemplo, o da música. Estava numa região de luz e alegria. Acrescentou que os espíritos não eram nem ricos nem pobres e que as condições gerais da existência eram muitíssimo mais venturosas do que as do viver terreno.

Esse espírito nos deu boa-noite e logo uma outra influência, muito mais enérgica, se apoderou da mesa, que entrou a mover-se violentamente. Em resposta às minhas perguntas, disse ser o espírito de um homem, a quem chamarei Dodd, que fora famoso jogador de críquete e que comigo tivera uma séria conversação no Cairo, antes de subir o Nilo, onde encontrara a morte na expedição Dongolesa. Devo observar que, na progressão de meus estudos, já nos achamos no ano de 1896.

Nenhuma das duas senhoras comigo sentadas à volta da mesa conhecia Dodd. Comecei a interrogá-lo exatamente como se o tivera sentado defronte de mim e ele a me responder com presteza e decisão por vezes respostas tão em oposição ao que eu esperava, que nenhuma suspeita poderia haver de que o meu pensamento o influenciava. Disse-nos ser feliz e não desejar voltar à Terra. Fora livre-pensador, mas daí nenhum sofrimento lhe adviera na outra vida. Reconhecia, contudo, que a prece é muito salutar porque nos põe em contacto com o mundo espiritual. Se houvesseorado mais, teria chegado a maior altura nesse mundo.

Cumprime-me assinalar que isto me pareceu em contradição com o que ele antes declarara – “que nenhum sofrimento lhe adviera do fato de ter sido livre-pensador”, acrescentando que muitos, sem serem livres-pensadores, pouco se lembram de orar.

Voltemos a Dodd. Morrera sem sofrimento. Recordou a morte de Polwhele, jovem oficial, que antes dele desencarnara. Ele, Dodd, quando morreu, recebeu as boas-vindas de muitos espíritos que vieram ao seu encontro. Entre estes, porém, não vira

Polwhele. Fora informado da queda de Dongola, mas não estivera presente em espírito ao banquete que depois se realizou no Cairo. Lembrou-me a nossa conversação nessa cidade. Disse ter que trabalhar e que possuía conhecimentos muito mais amplos do que quando na vida terrena. Informou que a duração da vida lá, onde se achava, era mais curta do que na Terra. Não vira o general Gordon, nem qualquer outro espírito famoso. Os espíritos viviam em famílias e comunidades. Os esposos não se encontravam forçosamente. Reuniam-se de novo os que se amavam.

Fiz esse resumo de uma comunicação, para mostrar de que gênero eram as que obtínhamos, se bem que a amostra apresentada seja das mais favoráveis, quer em extensão, quer em coerência. Serve, entretanto, para demonstrar que não é justo dizer-se, como fazem muitos críticos, que só se conseguem mensagens vazias de senso. Nestas, nenhuma insensatez se nota, a menos que assim qualifiquemos tudo que não se adapte às nossas idéias preconcebidas.

Mas, por outro lado, que provas possuímos da veracidade daquelas afirmações? Não tendo meio de comprová-las, elas me deixaram simplesmente desorientado. Agora, entretanto, que uma experiência mais larga me permitiu verificar que informações da mesma natureza foram dadas a muitas pessoas, desconhecidas umas das outras e de países diferentes, creio que a concordância dos testemunhos constitui, até certo ponto, como em todos os casos de investigação, um argumento a favor da veracidade de tais informes. Naquela época, não me era possível harmonizar semelhante concepção da vida futura com o meu sistema de filosofia. Limitei-me, por isso, a anotá-la e passei adiante.

Continuei a ler muito sobre o assunto e pude apreciar cada vez mais a infinidade dos testemunhos existentes e quão meticolosos tinham sido em suas experiências os que os davam. Isso me impressionava muito mais do que os limitados fenômenos que lograva obter nas minhas sessões. Então, ou pouco depois, li uma obra do Sr. Jacolliot sobre os fenômenos de ocultismo na Índia. Jacolliot era presidente do tribunal da colônia francesa de Chandernagor. Espírita de feitio muito jurídico, nutria prevenções

contra o Espiritismo. Efetuou uma série de experiências com faquires, que nele depositavam confiança pela simpatia que inspirava e porque lhes falava no idioma deles. No seu livro, Jacolliot descreve as múltiplas precauções que tomou para evitar toda espécie de fraude.

Resumindo a sua longa narrativa, direi que entre os faquires se lhe depararam todos os fenômenos da mais adiantada mediunidade européia, tudo, por exemplo, o que Home realizara. Observou a levitação do corpo, a imunidade contra o fogo, o movimento de objetos à distância, rápido crescimento de plantas, levantamento de mesas. Explicando a produção desses fenômenos, diziam os faquires que quem os operava eram os Pitris, ou espíritos, sendo que a única diferença notada entre aqueles processos e os nossos parecia consistir em que lá faziam maior uso da evocação direta. Pretendem os faquires que tais poderes lhes foram outorgados desde tempos imemoriais e remontavam aos caldeus.

Tudo isso me causou enorme impressão, porquanto os faquires chegavam aos mesmos resultados que nós, sem que se lhes pudesse imputar os embustes tão freqüentes na América, ou a vulgaridade atual, como se costumava fazer amiúde com relação aos fenômenos semelhantes que se produziam na Europa.

Também na mesma época fui influenciado pelo relatório da *Dialectical Society*, relatório muito antigo, datando de 1869. É um trabalho convincente e, conquanto tenha sido ridiculizado em unísono pelos jornais ignorantes e materialistas daquele tempo, constitui um documento de grande valor.

A *Dialectical Society* se compunha de certo número de pessoas distintas e imparciais, desejosas de investigar os fenômenos físicos do Espiritismo. O relatório a que aludo faz uma exposição minuciosa das experiências que realizam e das precauções que adotaram contra as fraudes. Atentando nas provas de que ele dá conta, ninguém compreenderá de que modo seus autores teriam podido chegar a uma conclusão diversa da que proclamaram, isto é: que os fenômenos eram sem dúvida alguma autênticos e indicavam a existência de leis e forças que a ciência ainda não explorara.

Há no caso um fato singular a ser notado e é que, se a conclusão fora contrária ao Espiritismo, o relatório teria sido saudado como o golpe de morte no movimento espírita; mas porque, em vez disso, assegurou a realidade dos fenômenos, cobriram-no de ridículo. O mesmo, aliás, sucedeu a muitas outras investigações, desde as que se fizeram em Hydesville, no ano de 1848, e a que se verificou quando o professor Hare, de Filadélfia, se atirou, como S. Paulo outrora, contra a verdade e teve que se curvar diante dela.

Por volta de 1891, eu me fiz membro da *Psychical Research Society*, o que me facultou ler todos os seus relatos. Muito deve o mundo à infatigável diligência dessa Sociedade e à sobriedade de suas exposições, embora eu reconheça que estas são, às vezes, de impacientar e que, no propósito de evitarem o cunho de maravilhosas, desanimam o público, levando-o a desinteressar-se de um esplêndido trabalho e de tirar dele proveito. A terminologia meio científica de que usam também desnorteia o leitor comum. Assim é que, depois da leitura daqueles relatórios, se pode dizer o que em certa ocasião me disse um caçador americano das Montanhas Rochosas com referência a um membro de uma universidade a quem ele escoltara durante toda uma estação de caça: “Era tão sábio que se não conseguia compreender o que dizia.” Apesar, porém, dessas pequenas esquisitices, todos os que, na obscuridade, não buscado a luz a têm encontrado nos metódicos trabalhos dessa Sociedade, cuja influência foi um dos fatores da atual orientação de minhas idéias. Além dessa, entretanto, outra influência se fez sentir profundamente em mim.

Inteirara-me até ali das admiráveis experiências realizadas pelos grandes investigadores, mas ainda não descobrira da parte deles qualquer esforço para elaborar um sistema que as abrangesse e contivesse todas. Foi então que li a obra monumental de Myers – *Human Personality (A Personalidade Humana)* –, de cujas formidáveis raízes se há de erguer toda uma árvore de conhecimentos.

Myers não pôde apresentar nenhuma fórmula que envolvesse todos os fenômenos ditos “espíritos”. Contudo, discutindo a ação, a que deu o nome de telepatia, da mente sobre a mente, a

expôs e estabeleceu de modo tão claro e completo, apoiando-se em numerosos exemplos, que, para todos, exceto para os que deliberadamente cerram os olhos à evidência, aquela ação passou a figurar entre os fatos científicos.

Foi um grande passo dado. Se a mente podia atuar, a distância, sobre a mente, é que existia no homem poderes de todo independentes da matéria, tal como a temos compreendido sempre.

O terreno fugia debaixo dos pés do materialista e a minha posição de outrora fora destroçada. Eu dissera que, consumida a vela, a chama se apagava. Surgiu-me uma chama muito afastada da vela e agindo por si mesma. A analogia, portanto, era evidentemente falsa. Se a mente, o espírito, a inteligência do homem podia operar a distância do corpo, é que era coisa independente deste. Por que então não poderia continuar a existir, mesmo depois de haver perecido o corpo? E não só essas impressões se produziam, a distância, no caso dos que tinham morrido, como também o mesmo fato provava que aquilo donde elas provinham revestia as aparências da pessoa morta, demonstrando que eram transmitidas por alguma coisa exatamente semelhante ao corpo, mas que obrava independente deste e que lhe sobrevivia.

Ininterrupta se apresentava a cadeia das provas, desde o simples caso de leitura do pensamento, num extremo, até a manifestação mesma do espírito sem o corpo, no outro extremo. As frases se sucediam sem hiato. Esta circunstância me pareceu conter os primeiros elementos de um sistema científico, de uma classificação do que até ali não passara de mera coleção de fatos confusos e mais ou menos discordantes uns dos outros.

Por aquela mesma época tive ensejo de participar de interessante experiência, como um dos três comissionados pela *Psychical Society* para passarem a noite numa casa assombrada. Era um caso de *poltergeist*,³ um desses casos em que, durante anos, se ouvem barulhos estranhos, pancadas inexplicáveis, muito parecido, em suma, como caso clássico da família de John Wesley, em Epworth, no ano de 1762, ou ainda com o da família Fox, em Hydesville, perto de Rochester, em 1848, e que foi o ponto de partida do moderno espiritualismo.

Nada de extraordinário assinalou a nossa viagem, que, todavia, não foi de todo improfícua. Na primeira noite, nenhum incidente. No decorrer da segunda, ouvimos formidáveis barulhos semelhantes aos que se produzem batendo-se numa mesa com uma bengala. Nós nos cercamos, está visto, de todas as precauções, mas não pudemos descobrir a causa do ruído. Contudo, não ousaríamos, no momento, jurar que alguém não estivesse habilmente a divertir-se conosco. E o caso permaneceu assim.

Decorridos alguns anos, encontrei um membro da família que residia naquela casa e por ele me foi dito que, depois da nossa visita, descobriram-se no jardim os ossos de uma criança, enterada evidentemente desde muito tempo. Hão de convir que seja este um fato digno de nota. Raras são as casas assombradas e não menos raras devem ser, suponho, as que nos seus jardins tenham restos humanos enterrados. Reunir numa casa essas duas circunstâncias excepcionais, sem dúvida, constitui argumento em prol da autenticidade do fenômeno. É interessante lembrar que também no caso da família Fox se falou da descoberta de ossos enterrados na cava, provando que um assassinio ali se cometera, sem que entretanto se tivesse podido verificar a hipótese de um crime recente.

Não duvido de que, se a família Wesley houvesse conseguido chegar à fala com seus perseguidores, também teria conhecido o motivo da perseguição. Isto quase parece indicar que, quando uma vida é cortada violenta e prematuramente, certa quantidade de energia vital não consumida permanece em condições de se manifestar de modo estranho e maléfico. Mais tarde observei um outro fenômeno do mesmo gênero que descreverei no fim deste trabalho.⁴

Desde então, até que estalou a guerra, continuei a consagrar as horas de lazer de uma existência muito laboriosa ao estudo atento desse assunto. Assisti a uma série de sessões que deram surpreendentes resultados, inclusive várias materializações visíveis numa meia obscuridade. Como, porém, pouco depois o médium foi surpreendido em fraude, deixei de considerar probantes aquelas sessões. Penso, entretanto, não ser lícita a presun-

ção de que, pelo fato de alguns médiuns, como Eusápia Paladino, se tornarem culpados de fraude, quando lhes sucede falharem as faculdades que possuem, de outras vezes não produzam fenômenos cuja autenticidade se possa provar.

A mediunidade, nas suas formas menos elevadas, é um dom puramente físico, que nenhuma relação tem com a moralidade; em muitos casos é intermitente e não pode ser governada à vontade. Pelo menos duas vezes Eusápia foi apanhada a cometer fraudes grosseiras e estúpidas, ao passo que de outras muitas sofreu demorados exames, feitos em condições de excluírem toda suspeita de embuste, por comissões científicas compostas dos homens mais eminentes da França, da Itália e da Inglaterra.

Não obstante, prefiro riscar do rol das minhas observações todas as experiências realizadas com um médium desacreditado e tenho para mim que os fenômenos físicos produzidos no escuro necessariamente perdem muito do seu valor, a menos que sejam acompanhados de comunicações inteiramente comprobatórias.

Pretendem os que costumam criticar-nos que, se excluirmos os médiuns que se tornaram suspeitos, teremos que abrir mão da maior parte das provas em que nos apoiamos. Absolutamente não é assim. Eu, até então, ainda não travara relações com um médium profissional e, no entanto, já reunira algumas provas. O mais notável de todos os médiuns, D. D. Home, produziu fenômenos à plena luz do dia e estava sempre disposto a submeter-se a todas as verificações e jamais contra ele se pode levantar qualquer acusação de fraude. E, como esse, muitos outros.

Cumpre ainda ponderar que, quando um médium público serve de reclamo aos que andam à busca de notoriedade, aos detetives amadores e a repórteres ávidos de notícias de sensação; quando intervém na produção de fenômenos obscuros e inelucídáveis, tendo que se defender perante júris e juízes que, de ordinário, nada conhecem do que influencia as manifestações mediúnicas, seria prodigioso que lograsse escapar de um escândalo ocasional.

Também importa reconhecer que o sistema, em geral adotado presentemente, de pagar-se ao médium conforme os resultados

obtidos, nada recebendo ele se nada produzir, é o pior possível. Somente quando se assegurar ao médium profissional um honorário determinado, independente dos resultados que com ele se consigam, estará afastada definitivamente a tentação de substituir por pretensos fenômenos os que não se produzam.

Tenho assim esboçado a evolução de minhas idéias até quando rebentou a guerra. Creio poder pretender se reconheça que ela foi bem cautelosa e que nenhum traço apresenta dessa credulidade de que nos fazem carga os nossos adversários. Foi mesmo por demais demorada, pois que me sinto culpado de lentidão em atirar à balança da verdade a pouca influência de que porventura goze. Sem a guerra, provavelmente houvera passado o resto de minha vida qual simples investigador dos problemas psíquicos, demonstrando uma atitude de simpático diletantismo para com esse assunto, como se se tratasse de alguma coisa impessoal, como se se tratasse, por exemplo, da existência da Atlântida ou da controvérsia Baconiana.

Mas, veio a guerra e, reafervorando-nos as almas, nos obrigou a olhar mais intimamente para as nossas crenças, a fim de lhes renovarmos o valor. Em face de um mundo que agonizava, ouvindo narrar diariamente como morria a flor da nossa raça, nos primeiros albos da sua juventude, observando à nossa volta as esposas e as mães sem fazerem idéia clara do destino que teriam tido os seres a quem amavam, de pronto se me afigurou que o assunto com que desde tanto tempo eu brincava não se resumia apenas no estudo de uma força que escapava aos preceitos da ciência, que nele havia alguma coisa verdadeiramente tremenda; o desabar de muralhas entre dois mundos, uma mensagem inegável vinda diretamente do Além, um brado de esperança e de encaminhamento para o gênero humano, na hora da sua mais viva aflição.

O lado objetivo da questão deixou de me interessar. Convenido, afinal, da sua veracidade, não havia mais por que prosseguir. Seu lado religioso apresentava importância infinitamente maior. A campanha do telefone é coisa em si mesmo pueril, mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interesse. Afigurou-se-me que todos esses fenômenos,

grandes e pequenas, eram campainhadas de telefones que, sem significação em si mesmas, bradavam aos homens: “Levantai-vos! Alerta! Atendei! Estes sinais são para vós outros! Eles vos previnem da mensagem que Deus vos quer enviar!”

O que tem valor real é a mensagem, não os sinais. Pareceu-me que uma Nova Revelação estava em via de ser dada ao mundo, embora ainda se achasse num ponto que podemos comparar ao de S. João Batista com relação ao Cristo e sem que ninguém possa saber se chegaremos algum dia a recebê-la com maior precisão e clareza. Na minha opinião, os fenômenos psíquicos, verificados até à evidência por todos os que hão tido o cuidado de estudá-los, em si nada valem; o justo valor deles está em que servem de base, dando-lhe uma realidade objetiva, a um imenso corpo de doutrina que há de modificar profundamente as nossas anteriores idéias religiosas e que, quando bem compreendido e assimilado, fará da religião alguma coisa de muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de fato.

Para este lado da questão é que me voltarei agora, aditando, todavia, ao que acabo de dizer das minhas experiências pessoais, que, desde que a guerra começou, tenho tido algumas oportunidades excepcionais de ver confirmado o conceito que já formara quanto à verdade dos fatos gerais sobre os quais se apóiam minhas opiniões.

Tais oportunidades nasceram da circunstância de haver uma senhora das nossas relações, Miss L. S., demonstrado possuir a faculdade de escrever automaticamente. A meu ver, de todas as formas da mediunidade, esta é a que precisa ser provada mais rigorosamente, pois que mais facilmente se presta a ocasionar, não tanto uma decepção qualquer, mas a sua própria, o que é infinitamente mais sutil e perigoso. É ela mesma quem escreve? Ou há, como afirma, um poder que a dirige, conforme afirmava o cronista dos israelitas, na Bíblia?

No caso de Miss L. S., não há negar que se reconheceram in-nexatas algumas das mensagens por ela transmitidas. Especialmente em matéria de tempo não podiam ser levadas em conta. Doutro lado, o número das que se reconheceram exatas excedia a

tudo o que qualquer conjectura ou coincidência pudesse explicar. Assim, quando o “Lusitânia” submergiu e os jornais do dia anunciaram que, tanto quanto se sabia, não houvera perda de vida, o médium escreveu imediatamente: “É terrível, terrível; e terá grande influência na guerra.” Com efeito, isso foi o que mais fortemente impeliu a América a entrar no grande conflito. A comunicação, pois, fora exata, a ambos os respeitos.

Doutra vez, Miss L. S. predisse o recebimento de um telegrama importante em determinado dia e indicou o nome do expedidor, a pessoa de quem menos se poderia esperá-lo. Inegável se tornou a realidade da sua inspiração, conquanto fossem notórios os equívocos havidos. Foi como se houvésemos recebido excelente comunicação através de um aparelho telefônico imperfeito.

Um outro incidente ocorrido no princípio da guerra se me fixou na memória. Em certa cidade de província morreu uma senhora por quem eu me interessava. Era uma doente crônica e ao lado de seu leito mortuário encontraram morfina, o que deu motivo a um inquérito judiciário, que a nenhum resultado chegou. Passados oito dias, realizei uma sessão com o Sr. Vout Peters. Depois de me dizer muitas coisas vagas e nada concludentes, declarou ele de súbito: “Está aqui uma senhora amparada por outra mais idosa. Persiste em dizer *morfina*. Já o repetiu três vezes. Seu cérebro se acha obscurecido. Ela não o faz conscientemente.” Estas foram, quase que textualmente, suas palavras. A telepatia nada teve que ver com essa comunicação, porquanto muitos outros eram os meus pensamentos e não contava com semelhante comunicado.

O movimento espírita há de adquirir muita intensidade, não só por efeito das experiências pessoais, mas também devido à admirável literatura a que tem dado nascimento nestes últimos anos. Se, contudo, não existissem mais livros espiritualistas do que os cinco que apareceram recentemente, esses bastariam, em minha opinião, para convencer dos fatos qualquer investigador imparcial. Os livros a que me refiro são: *Raymond*, do professor Lodge; *Psychical Investigations (Investigações Psíquicas)*, de Arthur Hill; *Reality of Psychical Phenomena (Realidade dos*

Fenômenos Psíquicos), do professor Crawford; *Threshold of the Unseen (Limiar do Invisível)*, do professor Barrett; e *Ear of Dionysius (Ouvindo de Dionísio)*, de Gerald Balfour.

Antes de abordar a questão de uma nova revelação religiosa, de explicar como é obtida e em que consiste, quisera dizer uma palavra sobre outro assunto. Da parte dos nossos adversários tem havido sempre duas maneiras de atacar-nos. Uma delas se reduz à afirmação de que são falsos os fatos em que nos baseamos. A essa já atendi. A outra é a de que pisamos terreno proibido, do qual nos deveríamos afastar imediatamente. Com relação a mim, esta objeção jamais teve significação alguma, pois que parti de um ponto relativamente materialista. Desejo, entretanto, submeter uma ou duas considerações aos que possam ser por ela atingidos.

A principal dessas considerações é que Deus não nos há concedido faculdade alguma de que nos não devamos servir nunca, em nenhuma circunstância. O simples fato de a possuímos é prova de que estamos na obrigação de estudá-la e desenvolvê-la. Verdade é que, se perdermos o critério da proporção e da razão, poderemos ser levados a abusar dessa faculdade, como de qualquer outra. Mas, repito, o simples fato de a possuímos constitui forte razão de que nos é lícito e mesmo obrigatório usá-la.

Não esqueçamos também que a pecha de “conhecimentos ilícitos”, apoiada em textos mais ou menos apropriados, se lançou sempre contra todos os progressos do saber humano. Lançou-se contra Galvani e a eletricidade. Lançou-se contra Darwin, que certamente houvera sido condenado à fogueira, se vivera alguns séculos antes. Até contra Simpson, por ter empregado o cloróformio em casos de parto, ela foi lançada, sob o pretexto de que a Bíblia diz: “Parireis com dor.” É fora de dúvida que um argumento de que se tem usado tantas vezes e que tantas vezes tem sido abandonado já não pode ser tomado a sério.

Todavia, àqueles para quem o ponto de vista teológico constitui uma pedra de tropeço, eu recomendaria a leitura de dois livrinhos, escritos ambos por clérigos. O primeiro, do pastor Fielding Ould, se intitula *Is Spiritualism of the Devil? (O Espiritismo é do Diabo?)*. O outro tem por autor o pastor Arthur

Chamber e por título: *Our self after death* (*Nós mesmos depois da morte*). Posso também recomendar os escritos do pastor Charles Tweedale sobre essa matéria. Acrescentarei que, quando comecei a tornar públicas minhas idéias acerca dessa questão, uma das primeiras cartas de felicitações que recebi foi do hoje falecido arceediácono Wilberforce.

Teólogos há que não se limitam a fazer oposição ao Espiritismo unicamente como doutrina; que vão mesmo ao ponto de dizer que os fenômenos e as comunicações provêm dos demônios, que se fazem passar pelos nossos mortos, ou por instrutores celestes. Não se pode admitir que os que emitem semelhantes opiniões tenham experimentado alguma vez pessoalmente os efeitos consoladores e verdadeiramente elevados que tais comunicações produzem nos que as recebem. Ruskin deixou registrado que a sua convicção acerca da vida futura lhe viera do Espiritismo, embora acrescentando, com certo ilogismo e muita ingratidão, que, tendo alcançado o que queria, nada mais tinha que ver com isso.

Considerável, no entanto, é o número – *quorum pars parva sum* – dos que, sem reserva alguma, podem declarar que passaram do materialismo à crença na vida futura, com tudo quanto essa crença implica, apenas estudando o assunto. Se isso é obra do diabo, será forçoso confessar que o diabo é um obreiro muito inábil, pois que os resultados que consegue são diametralmente opostos aos que se deve crer que ele deseje.

A Revelação

Posso agora, com certo desafogo, abordar um aspecto mais impessoal desta importante questão. Aludi à constituição de uma nova doutrina. Donde nos vem ela? Vem principalmente pela escrita automática, que a mão do médium traça, quando este a tem governado, seja pelo suposto espírito de um ser humano já morto, como no caso de Miss Júlia Ames, seja por um suposto instrutor invisível, como no de Stainton Moses.

Essas comunicações escritas não são completadas por grande número de exposições feitas pelo médium em estado de transe e por mensagens dadas verbalmente pelos espíritos, servindo-se estes dos órgãos vocais do médium. Algumas vezes, ainda, têm vindo sem intermediário, falando os espíritos diretamente, como nos diversos casos que o almirante Usborne Moore refere no seu livro *The Voices (As Vozes)*. Não raro também têm sido reveladas a alguns círculos familiares, por meio da mesa girante, como nos dois casos que acima relatei, tratando das minhas experiências pessoais. Outras vezes, como no caso citado por Mrs. de Morgan, têm sido transmitidas pela mão de uma criança.

Logo, certamente, se nos faz esta objeção: Como sabeis que essas mensagens vêm de fato do Além? Como podeis saber que o médium não escreve conscientemente, ou, admitido que isto seja improvável, que não escreve apenas, sem que de tal se aperceba, o que lhe é ditado pelo seu subconsciente? É esta uma objeção perfeitamente razoável e que devemos ter em conta diante de qualquer caso, porquanto, se o mundo viesse a encher-se de profetas sem valor, cada um alardeando suas idéias acerca do novo domínio religioso e apoiando-as unicamente nas suas próprias afirmações, volveríamos aos obscuros tempos da fé cega.

Devemos responder que reclamamos provas cuja autenticidade podemos testificar e que não aceitamos asserções cuja veracidade se não possa provar. Outrora se pedia ao profeta um sinal atestador do que dizia. Era uma exigência absolutamente justa e

que hoje também o é. Se alguém me trouxesse uma descrição da vida em qualquer outro mundo, sem mais credenciais que não as suas próprias afirmações, longe de colocar esse trabalho sobre a minha mesa de estudos, atirá-lo-ia à cesta dos papéis inservíveis. A vida é por demais curta para aferirmos do valor de semelhantes produções.

Se, porém, como se deu com Stainton Moses em seus *Ensinos Espiritualistas*, as doutrinas apresentadas como vindas do Além são acompanhadas da manifestação de múltiplas faculdades anormais – e Stainton Moses foi a todos os respeitos um dos mais notáveis médiuns que a Inglaterra já produziu – então encaro o assunto com mais seriedade.

Igualmente, desde que Miss Júlia Ames logrou, da sua vida terrena, revelar a Stead particularidades que ele não podia conhecer e que, depois de muitas investigações, verificou serem exatas, naturalmente qualquer pessoa se sentirá inclinada a admitir como verdadeiras outras revelações cuja exatidão se não pode provar. Assim, também, desde que um Raymond nos pode descrever uma fotografia, da qual nenhuma cópia havia chegado à Inglaterra e que depois se verifica ser exatamente como fora descrita; desde que esse Raymond, por boca de estranhos, nos transmite toda sorte de detalhes da sua vida familiar, detalhes que seus parentes verificaram e atestaram ser exatos; fora despropositado dar-lhe crédito quando ele descreve o gênero de vida que tem no Além, no momento mesmo em que se comunica conosco?

Ainda mais: quando Sir Arthur Hill recebe mensagens de pessoas de quem nunca ouvira falarem e verifica que tais mensagens são verdadeiras em todos os seus pontos, não é justo deduzir-se que essas entidades dizem a verdade quando nos elucidam sobre as condições em que se encontram?

Contam-se por muitos os casos dessa natureza. Apenas menciono alguns. Mas, penso que todo o sistema que eles formam, desde o fenômeno físico do simples ruído numa mesa até a mais inspirada alocução de um profeta, constitui um todo completo, uma cadeia cujos elos se ligam uns aos outros e que, se o extremo inferior dessa cadeia veio ter às mãos da Humanidade, foi

para que esta, por seus esforços e pelo uso da razão, encontrasse o caminho a seguir até chegar à revelação que a esperava no extremo superior.

Não mofeis do fato de lhe terem servido de início as mesas girantes ou as pranchetas a flutuarem no ar, embora esses fenômenos possam ter sido muitas vezes enganosos ou simulados. Lembremo-nos de que a queda de uma maçã nos deu a lei da gravidade; de que da panela a ferver nos veio a máquina a vapor; de que a contração da pata de uma rã abriu caminho às elucubrações e experiências que nos levaram à descoberta da eletricidade. Do mesmo modo as grosseiras manifestações de Hydesville deram em resultado interessar pelo assunto a plêiade dos mais eminentes intelectuais daquele país, durante os últimos vinte anos, estando, a meu ver, destinadas a imprimir às experiências humanas o maior desenvolvimento que já o mundo presenciou.

Personalidades cujas opiniões tenho na mais alta conta, especialmente Sir William Barrett, afirmaram que a investigação psíquica é coisa inteiramente distinta da religião. Isso é incontável no sentido de que um mau indivíduo pode, no entanto, ser excelente investigador dos fenômenos psíquicos. Mas, os resultados dessas pesquisas, as deduções que delas podemos tirar e as lições que podemos colher nos ensinam a sobrevivência da alma, a natureza dessa sobrevivência e como o nosso proceder neste mundo a influencia. Se isto é coisa distinta de religião, confesso que não compreendo bem a distinção. Para mim, é religião, é a essência mesma da religião.

Não quer, entretanto, dizer que esses resultados virão necessariamente a cristalizar-se numa nova religião. Pessoalmente confio que tal não se dará. Já nos achamos sobejamente divididos. Antes, vejo neles a grande força unificadora, a única coisa provável em conexão com qualquer das religiões, cristã ou não, formando uma sólida base comum sobre a qual cada uma delas, admitido que o deva fazer, erija um sistema particular em correspondência com os vários tipos de mentalidades.

Efetivamente, as raças meridionais preferirão sempre, em oposição às do Norte, o que seja menos austero; as do Oeste serão sempre mais analistas do que as do Leste. Ninguém poderá

conduzir todas a uma perfeita igualdade de nível. Todavia, se forem aceitas as amplas premissas que o ensinamento vindo do Além nos oferece, a Humanidade terá avançado grandemente para a paz religiosa e para a unidade.

Logo, porém, esta outra questão se nos apresenta: De que maneira atuará o Espiritismo sobre as antigas religiões existentes e sobre os diferentes sistemas filosóficos que têm influenciado as ações dos homens? A resposta é que só a uma dessas religiões ou filosofias a nova revelação será absolutamente fatal: ao Materialismo. Não digo isto com espírito de hostilidade aos materialistas, que, como coletividade organizada, são tão sérios e morais como qualquer outra classe. Porém, é manifesto que, se o espírito pode viver sem a matéria, desaparece a base mesma do materialismo, acarretando o desmoronamento de todas as suas teorias.

Pelo que toca às outras crenças, forçoso será admitir que a aceitação do ensino que nos vem do Além modificaria profundamente o Cristianismo convencional. Essas modificações, entretanto, não se fariam no sentido de contradição, mas no de explicação e desenvolvimento. Aquele ensino corrigiria as graves dissensões que sempre chocaram a razão dos pensadores, confirmando e tornando absolutamente certo o fato da continuação da vida após a morte, fundamento de todas as religiões. Confirmaria as desgraçadas conseqüências do pecado, mas mostrando que elas não são eternas. Confirmaria a existência de seres superiores, até aqui chamados anjos, e a de uma hierarquia ascendente acima de nós, na qual tem seu lugar o espírito do Cristo, colocado a uma altura do infinito a que associamos sempre a idéia de onipotência, ou seja, de Deus. Confirmaria, enfim, a idéia de um céu e de um estado penal transitório, ponderado mais ao purgatório do que ao inferno.

Assim, a nova revelação, na maioria de seus pontos essenciais, não se apresenta como destruidora das velhas crenças. Ela, pois, seria recebida pelos fiéis, realmente fervorosos, de todos os credos, antes como uma aliada poderosa, do que como um perigoso inimigo engendrado pelo diabo.

Examinemos, por outro lado, os pontos em que o Cristianismo deverá ser modificado pela nova revelação.

Antes de tudo direi uma coisa, óbvia para muitos, que, no entanto, muito a deploram: o Cristianismo tem que evolver ou perecer. É lei da vida que o que não se adapta perece. O Cristianismo já deferiu demais a sua transformação; deferiu-a tanto que as suas igrejas já se acham meio vazias; que as mulheres lhe constituem o principal sustentáculo; que, assim, de um lado, os membros mais instruídos da coletividade humana, como, de outro, os mais pobres, quer na cidade, quer no campo, se separaram completamente dela. Procuremos descobrir a razão desse estado de coisas. Ele é patente em todas as seitas do Cristianismo. Deriva, portanto, de alguma profunda causa comum.

As gentes se afastam porque francamente não podem ter por verdadeiros os fatos tais como lhes são apresentados. Semelhante coisa lhes ofende igualmente a razão e o senso da justiça. Ninguém, com efeito, pode vislumbrar justiça num sacrifício feito em substituição, nem num Deus cuja clemência só por esse meio se consiga. Sobretudo, muitos há que não logram compreender o que signifiquem expressões como “remissão do pecado”, “purificação pelo sangue do Cordeiro” e outras.

Enquanto perdurou a questão da queda do homem, havia pelo menos, para tais frases, certa explicação. Desde que, porém, ficou demonstrado que jamais o homem caiu; desde que, graças ao progresso da ciência, se nos tornou possível reconstituir a nossa ascendência ancestral e, passando pelo homem das cavernas e pelo homem nômade, remontar às épocas sombrias e distantes em que o macaco-homem evoluiu lentamente para o homem-macaco; se lançamos um olhar retrospectivo sobre essa longa sucessão da vida, verificamos que ela se vai sempre desdobrando passo a passo, sem que encontremos nunca qualquer prova de queda. Ora, se queda nunca houve, a que ficam reduzidas às doutrinas da expiação, da redenção, do pecado original? Numa palavra, que resta de uma grande parte da filosofia mística do Cristianismo?

Dado que aquelas doutrinas tivessem sido tão racionais em si mesmas, quanto presentemente são absurdas, elas estariam, apesar de tudo, em oposição aos fatos.

Acresce que muito exagero houve, ao que parece, com relação à morte do Cristo. Morrer alguém por uma idéia não é fato fora do comum. Todas as religiões tiveram seus mártires. Constantemente morrem homens pelas suas convicções. Milhares de nossos mancebos estão fazendo isso, neste momento, em França. Daí vem que a morte do Cristo, sublime, aliás, como a descreve o Evangelho, assumiu uma importância injustificada, como se constituísse fenômeno singular sacrificar-se um homem pela realização de uma reforma.

No meu entender, à morte do Cristo se atribuiu excessivo valor, ao passo que muito pouco se tem dado à sua vida. Entretanto, nesta é que se encontram a verdadeira grandeza e a verdadeira lição. Mesmo imperfeitamente descrita como o é, foi uma vida onde nenhum traço se descobre que não seja admirável; uma vida plena de tolerância para com todos, de suave caridade, de ampla moderação, de serena coragem; vida sempre votada ao progresso e aberta a todas as idéias novas; vida sem nenhuma nota de azedume contra as idéias que ele realmente suplantava, se bem manifestasse justificado desgosto ante a estreiteza de espírito e a tartufice dos que as defendiam. Particularmente notável era nele a agudeza com que penetrava o espírito mesmo da religião, pondo de lado os textos e as fórmulas. Não há exemplo de igual bom senso, nem de tanta simpatia para com os fracos. Em verdade, sua vida foi a mais maravilhosa de quantas se conhecem, o que não se dá com a sua morte, que, não obstante, forma o ponto central da religião cristã.

Consideremos agora quanta luz os nossos guias espirituais hão lançado sobre a questão do Cristianismo. Lá no Além as opiniões não são absolutamente uniformes, como não o são aqui na Terra. Contudo, se se lê certo número de comunicações sobre esse assunto, vê-se que tudo se reduz a isto: Juntamente com os nossos mortos, há muitos espíritos mais elevados, variando entre eles os graus de elevação. Chamemos-lhes “anjos” e nos teremos aproximado da antiga concepção religiosa.

Acima de todos esses espíritos se acha o maior Espírito que eles conhecem e que não é Deus, pois que Deus, sendo infinito, não lhes está ao alcance da percepção. É o espírito mais próximo

de Deus e que, até certo ponto, o representa: o Espírito do Cristo. A Terra é o objeto de toda a sua solicitude. Ele a ela baixou numa época de grande depravação, numa época em que o mundo era quase tão perverso quanto agora, a fim de dar o exemplo de uma vida ideal. Em seguida, voltou à morada celestial que lhe é própria, tendo legado aos homens ensinamentos que ainda por vezes são postos em prática. Eis a história do Cristo, conforme a narram os espíritos. Nela nada há de expiação, nem de redenção. Encerra, porém, a meu ver, um sistema perfeitamente racional e realizável.

Se esta maneira de conceber o Cristianismo fosse geralmente aceita, tendo a corroborá-la a certeza e a demonstração que nos vêm do outro mundo pela Nova Revelação, então possuiríamos uma crença que unificaria todas as igrejas, que estaria de acordo com a ciência, que desafiaria todos os ataques e sustentaria indefinidamente a fé cristã. A razão e a fé se reconciliariam finalmente; todos nos livraríamos de um pesadelo atroz e reinaria a paz espiritual.

Não entrevejo a consecução desses resultados por efeito de uma conquista rápida ou de uma violenta revolução. Eles advirão por meio de uma penetração pacífica, do mesmo modo que certas idéias abstrusas, qual, por exemplo, a de um inferno eterno, se vão lentamente apagando, já nos tempos que correm. Mas, é quando a alma humana se acha trabalhada e torturada pela dor que se devem espalhar as sementes da verdade. Se assim fizermos, destes dias em que vivemos despontará no futuro uma abundante colheita espiritual.

Quando leio o Novo Testamento com o conhecimento que tenho do Espiritismo, fico profundamente convencido de que os ensinamentos do Cristo, sob vários pontos de vista muito importantes, a Igreja primitiva os perdeu, de sorte que não chegaram até nós. Todas as alusões, que ele encerra, à possibilidade de triunfar-se da morte, nada significam, ao que me parece, na atual filosofia cristã. Entretanto, para os que já viram alguma coisa, ainda que obscuramente, através do véu que nos encobre o mundo invisível; para os que já tocaram, ainda que ligeiramente, as mãos que se nos estendem do Além, para esses a morte já foi vencida.

Quando ele nos fala de fenômenos que se nos tornaram familiares, tais como as levitações, as línguas de fogo, as ventanias, os dons espirituais – em suma, de milagres –, reconhecemos que o fato capital entre todos, o da continuidade da vida e da comunicação com os mortos, era plenamente conhecido naquela época. Lá se nos deparam ditos como este: “Aqui ele não fez milagres porque o povo carecia de fé.” Isto não está de perfeito acordo com a lei psíquica que conhecemos? Noutro ponto lemos que o Cristo, tendo sido tocado pela hemorroíssa, exclamou: “Quem me tocou? Sinto que de mim saiu uma virtude.” Pudera ele ter dito mais claramente o que um médium curador diria hoje, apenas empregando a palavra “poder” em lugar do termo “virtude”?

Mais ainda. Quando lemos: “Experimentai os espíritos, para saberdes se eles são de Deus”, não encontramos aí o aviso que hoje daríamos ao neófito que quisesse tomar parte numa sessão?

Excessivamente vasta é essa questão para que me seja possível mais do que enflorá-la. Creio, no entanto, que esse assunto, que as igrejas cristãs mais rigoristas presentemente atacam com tanto furor, constitui realmente o ensino básico do próprio Cristianismo. Aos que quiserem ir mais longe nesta ordem de idéias, recomendo muito a leitura do livro do doutor Abraham Wallace, *Jesus de Nazaré*, caso não esteja esgotada a edição dessa valiosa obrinha. Seu autor demonstra, de modo convincente, que os milagres do Cristo estavam todos no campo de ação da lei psíquica, como a compreendemos hoje, e se conformavam, ainda nas menores particularidades, com os princípios precisos dessa lei.

Dois exemplos já foram citados. Muitos outros são apontados no opúsculo a que me refiro. O que me convenceu da veracidade da tese sustentada nele foi que, se a apreciamos de conformidade com aquela lei, a história da materialização dos dois profetas, no monte, se nos patenteia extraordinariamente exata. Há primeiramente a notar que Jesus escolheu para o acompanharem Pedro, Tiago e João, os mesmos que formavam o círculo psíquico na ocasião em que o morto foi chamado de novo à vida e que, provavelmente, do grupo dos discípulos, eram os mais apropria-

dos ao fenômeno. Houve depois a preferência pelo ar puro da montanha, a sonolência que atacou os três médiuns, a transfiguração, as vestes resplandecentes, a nuvem, as palavras: “Construamos três tabernáculos”, que também se podem ler: “Construamos três tendas ou gabinetes”, meio ideal de se produzirem as materializações pela concentração dos poderes psíquicos.

Tudo isso compõe uma teoria muito sólida da natureza dos processos. Quanto ao mais, os dons que S. Paulo indica como de necessidade que o discípulo cristão reúna, em si, são idênticos aos que um médium poderoso deve possuir, compreendidas as faculdades de profetizar, de curar, de operar milagres (ou fenômenos físicos), de clarividência e outros. (*I Epístola aos Coríntios*, XII, 8, 11.)

A primitiva igreja cristã viveu saturada de Espiritismo e não parece que tenha atendido às proibições do Velho Testamento, as quais objetivavam reservar esses poderes para uso e proveito do clero.

A Vida Futura

Deixando de parte esse assunto, vasto e possivelmente litigioso, das modificações que as novas revelações poderão produzir no Cristianismo, tentarei esboçar o que sucede ao homem depois da morte. As provas relativas a este ponto são fortes e cabais.

Em muitos países e em épocas diversas, numerosas mensagens se têm recebido dos mortos, as quais mantêm, com referência a este mundo, grande cópia de informes cuja exatidão se verificou. Assim sendo, parece-me razoável se considere também como verdade o que, de tais mensagens, escape à nossa verificação. Demais, deparando-se-nos uma uniformidade realmente notável entre essas mensagens e não menor concordância nas particularidades que encerram e que de nenhum modo correspondem a qualquer ordem de idéias preexistentes, julgo que com muita firmeza se pode presumir da veracidade delas. Custa-me crer que sejam falsas vinte ou trinta comunicações, recebidas de várias origens e acerca das quais possuo notas por mim mesmo tomadas, concordantes todas; nem vejo como se possa supor que os espíritos falem verdade quando tratam do nosso mundo e mentem quando se referem ao em que se acham.

Ultimamente, na mesma semana, recebi duas descrições da vida no Além, a primeira por intermédio de um parente próximo de alto dignitário da Igreja, a segunda pela esposa de um operário mecânico da Escócia. Nenhuma dessas criaturas tinha conhecimento da existência da outra e as duas descrições se assemelham tanto que praticamente são idênticas.⁵

As mensagens, a esse respeito, parecem-me infinitamente tranqüilizadoras, quer se refiram ao nosso próprio destino, quer aos dos nossos amigos. Todos os que hão daqui partido são concordes em dizer que a passagem para o Além é, regra geral, ao mesmo tempo fácil e sem sofrimento e seguida de enorme reação de paz e bem-estar. Cada um lá se encontra revestido de um corpo espiritual, reprodução exata do que ficou aqui na Terra, com a só diferença de não apresentar a enfermidade, a

fraqueza e a deformidade que havia neste último. Esse corpo espiritual, ao dar-se o desprendimento, se conserva imóvel ou flutuando ao lado do de carne, consciente da existência deste, bem como da presença das pessoas que o cercam.

Nesse momento, o morto se acha mais próximo da matéria do que o estará dali por diante em qualquer ocasião. Daí vem que então é quando, principalmente, se dão os casos em que, dirigindo-se o pensamento do morto para alguém que se ache distante, o corpo espiritual acompanha o pensamento e aparece a esse alguém. Em cerca de duzentos e cinquenta desses casos cuidadosamente estudados pelo Sr. Gurney, cento e trinta e quatro de tais aparições ocorreram no instante mesmo da dissolução, isto é, quando, ao que imaginamos, por se achar talvez o corpo espiritual ainda muito materializado, é mais visível para os olhos humanos de uma pessoa amiga do que o será depois.

Essas aparições, todavia, são muito raras em comparação com o número total dos que morrem. Ao que suponho, a maior parte das vezes, aquele que morre se encontra por demais preocupado com o que de extraordinário lhe sucede em tal circunstância para pensar nos outros.

Com grande surpresa, começa por notar que, apesar de todos os seus esforços para se comunicar com os que ali vê, sua voz e seu tato etéreos nenhuma impressão causam ao organismo humano, que só vibra de harmonia com estímulos mais grosseiros. Belo tema para especulação é o investigar se um conhecimento mais profundo dos raios luminosas que sabemos existir de cada um dos lados do espectro, ou dos sons cuja realidade se pode provar pelas vibrações de um diafragma, conquanto sejam muito sutis para ouvidos mortais, não será de molde a nos levar a mais amplos conhecimentos psíquicos.

Deixemos, porém, isso de lado e acompanhemos a sorte do espírito que se vai. Ele observa que, no aposento onde expirou, outros seres se encontram além dos que deixou vivos no mundo e, entre esses outros, que lhe parecem tão substanciais como os vivos, surgem figuras que lhe são familiares e sente que lhe apertam as mãos e lhe beijam as faces os que ele amara e perdera. Então, na companhia destes e amparado e guiado por um ser

mais radioso que, também ali presente, aguardava o recém-chegado, este, cada vez mais surpreendido, parte, atravessando todos os obstáculos materiais, e entra na sua nova vida.

Aqui está uma exposição precisa e o que todos repetem com uma persistência que nos força a crer. Como se vê, muito isto difere do que ensina a velha teologia. O espírito não é, pois, nem um anjo glorificado, nem um duende condenado, mas sim a própria pessoa que daqui se foi, conservando a força ou a fraqueza, a sabedoria ou a loucura, que lhe eram peculiares, exatamente como conserva a aparência corpórea que tinha.

Bem se poderia acreditar que, intimidados por tão tremenda experiência, os mais frívolos e insensatos se modificassem para melhor; porém as impressões recebidas logo se embotam, o natural próprio do indivíduo retoma o seu ascendente no novo meio a que ele se transferiu e os frívolos continuam a subsistir, como o podem atestar algumas das nossas sessões particulares.

Antes, contudo, de entrar em sua nova vida, passa o espírito recém-chegado no Além por um período de adormecimento, cuja extensão varia, pois que, mal existindo para uns, para outros dura semanas ou meses. Raymond diz que esse período foi para ele de seis dias. Também foi o mesmo para um outro espírito, num caso de que tive conhecimento pessoal. Por outro lado, disse Myers que muito prolongado fora para ele o período de torpor.

Imagino que a duração desse estado é regulada pelo grau de perturbação ou de preocupação mental que a vida terrena cause naquele que acaba de desencarnar. Um repouso mais prolongado oferece o meio de escoimá-lo de tais preocupações. Uma criança provavelmente nenhuma necessidade tem de atravessar esse período. Esta última nota não passa de simples observação especulativa; considerável, porém, é o acervo de opiniões no sentido da existência de um período de esquecimento, seguindo-se à primeira impressão que o espírito recebe da sua nova vida e antecedendo o momento em que entra nela definitivamente.

Ao despertar desse sono, o espírito se sente fraco como a criança que acaba de nascer. Logo, entretanto, lhe voltam as forças

e a nova vida começa. Isto nos leva a considerar o céu e o inferno.

A idéia do inferno, posso dizer, se vai dissipando totalmente, como de há muito se dissipou da mente de todos os que raciocinam. Tão odiosa concepção – blasfematória, no seu objetivo – do Criador se originou dos exageros da fraseologia oriental. Talvez tenha prestado serviço em eras primitivas, quando o fogo aterrozava os homens, como o viajante amedronta as feras.

No sentido de um lugar permanente, o inferno não existe. Mas, a idéia de punição, de castigos purificadores, quais os do purgatório, o que se nos diz do Além a confirma. Sem punição não haveria justiça no Universo, porquanto fora impossível admitir-se que a sorte de um Rasputin seja idêntica à de um Pai Damião. O castigo é realmente certo e muito sério, se bem que, nas suas formas menos severas, consista unicamente em serem as almas mais grosseiras colocadas em esferas inferiores, sabendo que foram suas próprias ações que lhes acarretaram essa situação, nutrindo contudo a esperança de que a expiação e a ajuda dos que lhes estão acima as educarão e elevarão ao mesmo nível das demais. A essa obra de salvação se votam, em parte, os espíritos mais elevados.

Miss Júlia Ames, na sua bela obra póstuma, inseriu estas memoráveis palavras: “A maior alegria do céu consiste em esvaziar o inferno.”

Postas de parte essas esferas de provações, que antes deveriam talvez ser tidas como hospitais para almas fracas do que como penitenciárias, as comunicações que nos vêm do outro mundo são acordes em declarar agradáveis as condições da vida no Além. Dizem elas que os que se assemelham se atraem reciprocamente, que os que se amam ou têm interesses comuns se reúnem, que a existência lá é cheia de atrações e ocupações e que nenhum deles desejaria de modo algum voltar à Terra. Todas essas notícias são efetivamente de molde a nos proporcionarem grande alegria e repito que não dão motivo para uma fé ou uma esperança vagas, que, ao contrário, são amparadas por todas as leis da evidência, leis segundo as quais, sempre que muitas

testemunhas, sem ligação alguma entre si, fazem depoimentos similares, justo é se considere como verdadeiro o que dizem.

Se no que narram falassem de almas glorificadas, instantaneamente expurgados de todas as fraquezas humanas e de um constante êxtase de adoração em derredor do trono do onipotente, poder-se-ia suspeitar que suas narrativas fossem mero reflexo dessa teologia popular que todos os médiuns aprenderam na infância. Elas, entretanto, divergem profundamente de qualquer doutrina preexistente. Além disso, têm a apoiá-las, como já o fiz notar, não só a conformidade que apresentam, mas também o fato de serem o resultado final de longa série de fenômenos, todos atestados como reais pelos que cuidadosamente os observaram.

A propósito dessa questão, em geral, da continuação da vida após a morte, poder-nos-ão objetar que já pela fé se tinha ciência dela. Mas a fé, conquanto cheia de beleza quando apreciada no indivíduo, tem sido sempre, nos corpos coletivos, uma arma de dois gumes. Tudo estaria bem, se uma só fosse a fé e constantes as intuições do gênero humano.

Fé significa crença absoluta numa coisa que se não pode provar.⁶ Um diz: “A minha fé é *isto*.” Outro diz: “A minha fé é *aquilo*.” Nenhum dos dois pode provar o que afirma ser a sua fé, mas contendem sempre, ou mentalmente, ou, por fim, fisicamente. O que for mais forte se mostrará disposto a perseguir o outro, até obrigá-lo a partilhar da verdadeira fé. Porque a fé de Filipe II era forte e positiva, ele, com absoluta lógica, exterminou algumas centenas de milhares de mouros, na esperança de que, dentre estes, os que restassem com vida abraçariam a suprema verdade.

Presentemente, se se reconhecesse não ser razoável, de maneira alguma, exigir que os outros acreditem no que não possa ser provado, seríamos todos levados a observar os fatos, a meditar sobre eles, e talvez se chegasse a um comum acordo. Essa a razão pela qual o movimento psíquico se mostra tão importante. Ele assenta nalguma coisa de mais sólido do que textos, tradições ou intuições. É religião de um duplo ponto de vista, do de dois mundos, em vez de o ser porque derive das antigas tradições de um mundo só.

Não podemos considerar o outro mundo como gracioso jardim de uma praça holandesa, tão limitado que seja possível descrevê-lo facilmente. É provável que os mensageiros que vêm ter conosco se achem todos, mais ou menos, em estado de desenvolvimento e representem uma como vaga de vida que se afasta das nossas praias. As comunicações, geralmente, procedem dos que daqui partiram não há muito tempo e tendem a enfraquecer-se, como é de esperar. A este propósito vem de molde notar que as reaparições do Cristo a seus discípulos ou a Paulo se verificaram, ao que consta, quando ainda muito poucos anos haviam decorrido depois de sua morte e que os primeiros cristãos nunca pretenderam tê-lo visto posteriormente.

Não são abundantes os casos de manifestação de espíritos que tenham desencarnado há longo tempo e que dêem provas aceitáveis de autenticidade. Na vida do Sr. Dawson Roger se conta o de um espírito que disse chamar-se Manton e que pretendia ter nascido em Lawrence Lydiard e ter sido enterrado em Stoke Newington, no ano de 1677. Ficou depois claramente demonstrado que existiu um homem assim chamado e que fora capelão de Oliver Cromwell. Tanto quanto o que tenho lido me permite saber, é o espírito mais antigo cuja manifestação se pôde registrar.

Em regra, os que nos vêm falar daqui se foram muito recentemente. Daí se segue que os informes que obtemos não vão além do que alcancem os conhecimentos dos que pertenceram a uma geração anterior à nossa, se tanto, e que não podemos tomar como completas as informações que nos dão, mas apenas como parciais.

Que os espíritos podem ver as coisas sob aspectos diferentes, de conformidade com os progressos que realizem no outro mundo, é fato que Miss Júlia Ames tornou patente. Ela, que a princípio se mostrou impressionada pela necessidade da fundação de um escritório de comunicações, passados quinze anos, reconheceu não haver no Além, dentre um milhão de espíritos, nenhum que ainda quisesse comunicar-se conosco, desde que já tivesse junto de si aqueles a quem amava. Miss Júlia se equivo-

cara porque, ao chegar no Além, todos os que encontrou estavam lá também de pouco tempo.

Parciais, pois, devem ser as narrações que conseguimos, porém, mesmo assim, são bastante substanciosas e extraordinariamente interessantes, visto que se referem aos nossos próprios destinos e aos daqueles a quem amamos.

Todos os espíritos que no-las fornecem concordam em que a vida no invisível é de duração limitada, que em seguida eles passam a outras fases, entre as quais aparentemente há mais comunicação do que entre nós e o mundo espiritual. Os que estão nos planos inferiores não podem ascender aos planos superiores, mas os que nestes se acham podem baixar livremente ao meio daqueles.

Lá, a vida apresenta estreita analogia com a deste mundo, no que esta tem de superior. Entretanto, ao passo que esta é corporal, aquela é eminentemente uma vida mental, isenta, por conseguinte, das preocupações de alimentação, de dinheiro, de luxúria, de sofrimento, etc., votada sobretudo ao cultivo das artes, da música, de todos os conhecimentos intelectuais e espirituais e a todos os progressos. Os seres vivem vestidos, como era de esperar, porquanto nenhuma razão há para que renunciem à decência sob as novas formas que tomam. Essas novas formas são a reprodução fiel das humanas, mas aperfeiçoadas, envelhecendo os jovens e remoçando os velhos, quanto seja necessário a que todos venham a ficar num meio-termo normal.

Vivem em comunidades, como fora de supor, desde que entre os que se assemelham há atração. O espírito masculino lá encontra a sua companheira, se bem não haja sexualidade, no sentido grosseiro da palavra, nem, portanto, nascimentos.

Uma vez que as ligações se mantêm e que os que se acham no mesmo grau de desenvolvimento se ombreiam, lícito é imaginar que as nações se conservem rigorosamente separadas umas das outras, embora não forme barreira posta entre elas a diversidade dos idiomas, por isso que a linguagem do pensamento é a de que se servem os espíritos para se comunicarem.

Da íntima ligação que existe no Além entre as almas afins, temos notável exemplo no modo pelo qual Myers, Gurney e Roden Noel, que na Terra foram amigos e colaboradores, juntamente nos transmitiram mensagens por intermédio da Sra. Holland, que os não tinha conhecido, sendo a mensagem de cada um perfeitamente característica para quem o conheceu como homem. Outro exemplo é o dos professores Verrall e Butcher, famosos sábios gregos, que, de colaboração, produziram o *Problema grego*, analisado, em *O ouvido de Dionísio*, pelo Sr. Gerald Balfour, que, com a sua grande autoridade, declarou não poder tal resultado ser obtido por nenhuma outra entidade que não fossem Verrall e Butcher.

De passagem, devemos fazer notar que estes e outros exemplos claramente mostram que os espíritos, ou dispõem de excelente biblioteca a que se reportam, ou então possuem uma memória que, por assim dizer, os torna oniscientes. A nenhuma memória humana seria possível fazer tantas citações exatas quantas se nos deparam nas comunicações insertas em *O ouvido de Dionísio*.

Tais são, grosseiramente traçadas, as linhas gerais da vida no Além, na sua mais simples expressão. Dizemos *na sua mais simples expressão* porque nem tudo nela é simples. Infinitos círculos inferiores se sucedem até às trevas, como infinitos outros se escalonam até à glória, todos progressivos, todos obedecendo a uma destinação, todos cheios de vida ativa, dos quais mal nos chegam pálidos vislumbres.

Os nossos informantes são unânimes em dizer que nenhuma das religiões terrenas leva vantagem a qualquer das outras, que o caráter e a pureza dos sentimentos são tudo. Concordam, porém, ao mesmo tempo, em considerar boas todas as religiões que inculcam a prece e recomendam que volvamos os olhares para o Alto, de preferência a tê-los postos naquilo que se acha ao nosso nível. Neste sentido, que não em outro, como um amparo para a vida espiritual, todas as formas religiosas têm a sua utilidade. Assim, bom é incontestavelmente que o tibetano passe parte do seu tempo a fazer girar um cilindro de bronze, desde que isso o leva a admitir a existência de alguma coisa mais elevada do que

as montanhas do seu país e mais preciosa do que seus bois. Nada temos que criticar nesse terreno.

Há ainda um ponto do qual devemos tratar aqui e que, assustador à primeira vista, se impõe ao nosso raciocínio, quando sobre ele refletimos. É a afirmação constante que nos fazem do Além de que os que lá chegam não sabem que morreram e que muito tempo decorre, tempo às vezes bastante longo, antes que se inteirem desse fato. Dizem todos que esse estado de desorientação é prejudicial e atrasa o espírito e são acordes em que o possuir desde aqui um certo conhecimento da verdade ora revelada ao mundo constitui o único meio seguro de evitar semelhante situação no invisível.

Não é de admirar que os espíritos, reconhecendo serem as condições em que se encontram inteiramente diversas das que os seus conhecimentos científicos ou religiosos os faziam esperar, considerem como um sonho as novas sensações que experimentam. E quanto mais rigidamente ortodoxas tenham sido suas opiniões, tanto mais difícil lhes será aceitar o novo meio a que passaram com tudo o que ele envolve.

Por essa razão e muitas outras, a nova revelação é uma necessidade para o gênero humano. Ressalta daí, como ponto de importância prática, que realizariam obra útil os velhos enriquecendo de conhecimentos seus espíritos, porquanto, se lhes não restasse mais tempo de tirar neste mundo proveito dos mais recentemente adquiridos, eles se conservariam como parte integrante da sua bagagem mental no outro.

Quanto às particularidades mínimas da outra vida, melhor será talvez não tratar delas, pela excelente razão de serem mínimas. Conhecê-las-emos por nós mesmos, dentro em pouco; só uma vã curiosidade nos levaria a interrogar os mortos a esse respeito.

Uma coisa é positiva: há no Além inteligências elevadas, para as quais é de manejo corrente a química sintética, que não só elabora a substância como também modela as formas. Temo-las visto operar nas sessões, de maneira perceptível aos nossos sentidos materiais, servindo-se dos mais vulgares médiuns. Se podem executar simulacros em uma sessão na Terra, que não

devemos esperar que façam quando trabalham com objetos etéreos, nesse éter que é o meio próprio deles!

De um modo geral se pode dizer que têm a possibilidade de fazer alguma coisa de análogo a tudo quanto existe na Terra. De que jeito chegam a fazê-lo pode bem não passar de conjectura e especulação para os espíritos menos adiantados, como os fenômenos da ciência moderna para nós. Se um de nós fosse de súbito chamado por um habitante de qualquer mundo subumano para explicar com exatidão o que vem a ser a gravidade, ou o magnetismo, como se veria desamparado!

Ficariamos então na posição desse jovem engenheiro soldado Raymond Lodge, que tenta expor uma teoria da matéria no Além, teoria que muito provavelmente será contraditada por qualquer outro espírito que também se entregue a conjecturar de coisas que se acham acima de sua capacidade. Pode ele estar certo e pode estar errado. O que não sofre dúvida é que se esforça por dizer o que pensa, como o faríamos nós mesmos em análoga circunstância. Ele crê que os químicos transcendentais são capazes de tudo fazer e que mesmo a produção de substâncias como o álcool e o tabaco pode estar ao seu alcance, podendo, todavia, ser também da alçada de espíritos não regenerados.

Isso divertiu a tal ponto os críticos que, lendo-se-lhes os comentários, se diria que aquele livro de quatrocentas páginas compactas nada mais encerra além dessa proposição. Raymond pode estar certo e pode estar errado; mas, na minha opinião, o incidente prova tão-só a inquebrantável coragem e a honestidade daquele que o provocou, sabendo que espécie de arma colocava nas mãos de seus inimigos.

Muitos há que protestam porque o outro mundo, conforme de lá no-lo descrevem, é demasiado material para o gosto deles. Não era assim que o desejavam. Seja! Há neste mundo muitas coisas que parecem discordantes dos nossos desejos, mas que nem por isso deixam de existir. Quando nos dispomos a examinar essa pecha de materialismo e tentamos erigir um sistema qualquer que satisfaça aos idealistas, vemos que a tarefa se apresenta difficilima. Deveríamos talvez tornar-nos meras paveias

de gasosa felicidade a flutuarem no ar. Parece que esta é a idéia de tais críticos.

Mas se lá no Além não tivéssemos corpo semelhante ao que aqui temos, se nada conservássemos do caráter que aqui nos individualiza, como desejariam aqueles críticos, então nos extinguiríamos. Que diria uma mãe a quem mostrassem, como sendo seu filho, um ser glorioso, mas impessoal? Diria: “Este não é o filho que perdi; quero seus cabelos dourados, seu sorriso vivaz, seus modos gráteis, que eu tão bem conheço.” É isso o que ela quer. É isso, creio, o que terá, não todavia por qualquer sistema que de nós elimine tudo a que nos reste de material e nos transporte para uma vaga região de flutuantes emoções.

Em oposição a esta, há uma outra escola de críticos para os quais a dificuldade em aceitar a vida espiritual, como nos é descrita, está em serem lá muito agudas as percepções, muito fortes as emoções e muito compacto o meio ambiente, todo feito de tão diáfano material. Lembremo-nos de que tudo depende da comparação que estabeleçamos com as coisas que nos cercam.

Se conhecêssemos um mundo mil vezes mais denso, mais pesado e mais sombrio do que o nosso, facilmente reconheceríamos que a seus habitantes ele pareceria o que a Terra nos parece a nós, porquanto a força e a contextura deles seriam proporcionais ao seu *habitat*. Se, entretanto, os habitantes de tal mundo se pusessem em contacto conosco, considerar-nos-iam como seres extraordinariamente aéreos, vivendo numa estranha atmosfera luminosa e espiritual. Não se dariam conta de que, estando os nossos seres de harmonia e em proporção com o nosso meio ambiente, também nós sentimos e agimos exatamente como eles o fazem.

Consideremos agora o caso de um outro domínio de vida tão acima de nós quanto abaixo estivesse à coletividade pesada de que acabamos de falar. Parecer-nos-ia também que os seres lá existentes, os espíritos, como lhes chamamos, vivem quais sombras num meio vaporoso. Não nos apercebemos de que também lá tudo é proporcional e harmônico, de sorte que a região onde se movem ou habitam os espíritos, parecendo-nos a visão de um sonho, é tão real para eles como o são para nós o

cenário em que nos movemos e o meio que habitamos e que o corpo de um é tão tangível para outro espírito como os nossos corpos terrenos o são para os nossos amigos.

Problemas e Limitações

Deixando, por agora, de aduzir mais amplas considerações em favor da estrutura desta revelação e das provas inegáveis da sua validade, deter-me-ei na apreciação de algumas particularidades que me forçaram a atenção enquanto explanava o assunto principal. A esfera onde se encontram os nossos mortos parece estar muito próxima de nós, tão próxima que de contínuo – são eles que o dizem – os visitamos durante o sono.

Grande parte da serena resignação que temos observado em pessoas que hão perdido entes caros – pessoas que, supuséramos, enlouqueceriam por efeito de tais perdas – é devida ao fato de terem visto os seus mortos. Conquanto seja completo o esquecimento, a ponto de essas pessoas não poderem lembrar-se do que quer que lhes haja ocorrido espiritualmente durante o sono, elas experimentam grande alívio que lhes traz o seu subconsciente. O esquecimento, como disse acima, é completo; porém, às vezes, por uma razão qualquer, ele se interrompe durante uma fração de segundo: é quando o sonhador desperta do seu sonho “envolto em nuvens de glória”. Daí se originam também os sonhos proféticos, muitos dos quais se têm realizado.

Comigo mesmo ocorreu ultimamente um desses fatos, que, embora ainda não esteja talvez inteiramente verificado, é, mesmo assim, bastante notável. A 4 de abril do ano passado, 1917, despertei com a impressão de que uma comunicação me fora feita, da qual só uma palavra ficara a me martelar a cabeça. Essa palavra era “Piave”. Que me lembrasse, jamais ouvira semelhante nome. Como me soasse à guisa do de um lugar, logo que me levantei do leito fui ao meu escritório consultar o índice de um Atlas.

Lá encontrei “Piave” e a indicação de que assim se chamava um rio da Itália cerca de quarenta milhas atrás da linha de frente do exército italiano, que, então, avançava vitoriosamente. Nada haveria para mim, nessa ocasião, de mais inverossímil do que imaginar que a guerra viesse a desenvolver-se às margens do

Piave e não me podia passar pela mente que qualquer acontecimento de ordem militar ali se desse. Tão impressionado, porém, fiquei, que escrevi uma nota, assinalando que um sucesso daquela natureza ali ocorreria e, tendo-lhe posto a data de 4 de abril, fi-la assinar pelo meu secretário e por minha mulher, como testemunhas.

Ora, é fato histórico que, seis meses depois, toda a linha italiana foi quebrada, abandonou sucessivas posições às margens de diversos rios e se deteve próximo àquele curso d'água, posição que, no dizer de críticos militares, era, estrategicamente, quase insustentável. Mesmo que nada mais suceda (estou escrevendo estas linhas a 20 de fevereiro de 1918), a referência ao nome "Piave" se acha plenamente justificada. Presumo que algum amigo do Além me tenha querido avisar de futuros acontecimentos da guerra. Nutro, contudo, a esperança de que ele haja desejado dizer-me mais alguma coisa, de que uma estrondosa vitória dos Aliados nesse ponto venha posteriormente justificar melhor o modo estranho pelo qual tal nome se me meteu na cabeça.

Não faltará talvez quem clame contra essa teoria do sono, invocando como razão que os sonhos grotescos, monstruosos e absurdos que nos afligem não podem provir de uma origem elevada. Sobre este ponto tenho opinião bem definida, porventura digna de discussão. Entendo que há duas espécies de sonhos e somente duas: os que resultam das experiências que faz o espírito libertado e os que provêm da ação confusa das faculdades mais íntimas que permanecem no corpo quando o espírito está ausente. Os da primeira espécie são belos, mas raros, porque não guardamos lembrança deles. Os da segunda são comuns e variados, porém extraordinariamente fantásticos ou ignóbeis. Notando o que falta nos nossos sonhos grosseiros, podemos dizer quais são as qualidades de que estivemos privados e desse modo apreciar a parte de nós mesmos que vai com o nosso espírito. Assim é que observamos a ausência de alegria em tais sonhos, pois que vemos coisas cujo ridículo depois nos choca e que nos não divertiram. Reconhecemos também a ausência do sentido de proporção, de ponderação e de aspiração. Em suma, ausência de tudo o que há em nós de mais elevado e o que há de mais baixo,

os sentidos do medo e das impressões sensuais, o instinto da conservação, a funcionarem com maior vivacidade, visto que livres do governo das faculdades superiores.

A quem se entregue a estes estudos, a questão se impõe da limitação dos poderes dos espíritos. É freqüente ouvir-se dizer: “Se os espíritos existem, por que não fazem isto ou aquilo?” A resposta habitual é que não fazem porque não podem, o que nos mostra com uma bem determinada limitação de poderes, como se dá conosco. É o que se me afigura ter ficado muito claramente assinalado nas experiências de correspondência-cruzada, nas quais diversos médiuns escreventes, trabalhando distantes uns dos outros e com inteira independência, chegaram a resultados tão concordantes que escapavam à possibilidade de uma simples coincidência.

Ao que parece, os espíritos sabem com exatidão o que imprimem nas mentes dos encarnados, mas não sabem até que ponto penetram nestes as instruções que lhes dão. É intermitente o contacto deles conosco. Daí vem que, nas experiências de correspondência-cruzada, continuamente os vemos perguntar: “Apanhou isto?” ou: “Estava direito?” Algumas vezes têm conhecimento do que se faz, como, por exemplo, quando Myers diz: “Eu via o círculo, mas não estava muito certo do triângulo.” É evidente, ao demais, que os espíritos, mesmo os daqueles que, como Myers e Hodgson, se relacionaram de modo especial com as questões psíquicas e presenciaram todos os fenômenos que se podiam produzir, se acham em dificuldade sempre que pretendem tomar conhecimento de uma coisa material, tal como um documento escrito. Creio que só materializando-se em parte poderiam consegui-lo, mas falece-lhes o poder de se materializarem.

Esta observação lança alguma luz sobre o caso célebre, tantas vezes citado pelos nossos antagonistas, em que Myers não logrou dizer qual a palavra ou frase que fora escrita e colocada dentro de uma caixa selada. Evidentemente, da posição em que se encontrava, ele não podia ver o documento e, falhando-lhe a memória, teria muito provavelmente incorrido em erro.

Penso que muitos equívocos podem ser explicados deste modo. Já foi dito do Além, e a asserção se me afigura racional, que, quando eles se referem às suas próprias condições, falam do que sabem e podem de pronto e com segurança discutir; ao passo que, quando insistimos, como algumas vezes temos que fazer, em lhes pedir testemunhos de natureza terrena, os arrastamos para coisas de um outro plano, colocando-os numa posição extremamente difícil, em que ficam sujeitos a errar.

Um outro argumento que pode ser utilizado contra nós é este: Os espíritos encontram a maior dificuldade em nos declinarem nomes, sendo isso o que torna tão vagas e pouco satisfatórias suas comunicações. Giram em volta de uma coisa e não dizem nunca à palavra que cortaria a questão.

Temos exemplo desse fato numa recente comunicação publicada em *Light*, a propósito da qual essa revista descreve os esforços feitos por um jovem oficial, morto havia pouco, para transmitir, pelo método das vozes diretas, a que se presta a médium Mrs. Susana Harris, uma mensagem a seu pai. Não conseguiu dizer como se chamava. Apenas pôde indicar com clareza que seu pai era membro de Kildare Stret Club, em Dublin. Procedendo-se a indagações, chegou-se a descobrir o pai do oficial e por ele se veio a saber que já havia recebido em Dublin uma comunicação do Além, informando-o de que em Londres se faziam pesquisas a seu respeito.

Não sei se o nome do indivíduo na Terra é coisa puramente efêmera, que nenhuma conexão guarda com a personalidade, e, como tal, a primeira a ser abandonada na outra vida. Possivelmente o nosso comércio com o Além é regulado por leis que não permitem seja ele muito direto, deixando o que quer que seja aos esforços da nossa própria inteligência.

Essa idéia da existência de alguma lei que torna a comunicação indireta com o Além mais fácil do que a direta encontra forte apoio nas correspondências-cruzadas, nas quais as circunlocuções substituem constantemente as asserções. É o que se verifica, na correspondência de São Paulo, assunto do opúsculo de julho da *Psychical Research Society*. O nome de São Paulo tinha que ser escrito por um médium mecânico e transmitido a mais dois,

separados um do outro, achando-se um destes na Índia. O espírito do Dr. Hodgson foi o designado para presidir a essa experiência. Está visto que as simples palavras “São Paulo”, escritas pelos diversos médiuns, teriam bastado. Tal, porém, não se deu. O espírito teve de recorrer a toda sorte de alusões indiretas, falando a respeito desse apóstolo em cada uma das mensagens e fazendo cinco citações de seus escritos.

Esse fato exclui qualquer explicação por mera coincidência e é de todo ponto convincente. Mas também mostra o curioso processo de que se servem os espíritos: o de lançarem mão de circunlóquios em vez de irem diretamente ao fim que se propõem. Aprenderia perfeitamente o caso quem imaginasse um anjo cauteloso a dizer aos espíritos: “Não torneis muito fáceis as coisas a essa gente. Deixai que eles usem um pouco da inteligência própria. Se lhes fizerdes tudo, tornar-se-ão simples autômatos.” Seja qual for a explicação, o fato é digno de notar-se.

Há um outro ponto, no que concerne às comunicações dos espíritos, merecedor da nossa atenção. Refiro-me à incerteza que eles sempre revelam quanto às épocas em que os acontecimentos ocorrerão. Quase invariavelmente erram na apreciação do tempo. A idéia de tempo na Terra é provavelmente diversa da que fazem os habitantes do mundo espiritual. Daí a confusão.

Como já tive ocasião de dizer, nós gozávamos da vantagem de contar, entre os que compunham o nosso grupo, uma senhora que era médium escrevente muito desenvolvida, e que se mantinha em constante comunicação com três irmãos seus mortos na guerra. Nas mensagens que recebia deles, raramente se observavam erros com relação aos fatos, mas, por outro lado, era muito raro que as datas estivessem certas. Todavia, uma exceção houve, muito sugestiva em si mesma. Profetizando sempre os acontecimentos públicos com atraso de semanas e até de meses, certa vez anunciou, com exatidão de data, o recebimento de um telegrama da África. O telegrama fora efetivamente expedido, mas ficara retardado em caminho, donde parece lícito inferir-se que ela podia anunciar o desenrolar de acontecimentos que se achavam em curso e calcular o tempo que gastariam para chegarem a seu termo. Doutra parte, devo convir que confidencialmen-

te nos profetizou a fuga de seu quarto irmão, prisioneiro dos alemães, e que o fato se deu. Em suma, ainda não tenho opinião segura acerca dos poderes e limitações dos espíritos no tocante às profecias.

Postas de parte todas essas limitações, temos, infelizmente, que nos voltar com absoluto sangue-frio para as inteligências perversas e maliciosas que se manifestam. Quem quer que se haja entregado as investigações psíquicas terá tido, eu o creio, casos de cruel decepção, que ocasionalmente se misturam com as boas e verdadeiras comunicações. Sem dúvida, foi com referência a tais mensagens que o Apóstolo escreveu: “Não acrediteis, ó bem-amados, em todos os espíritos; tratai de saber se os espíritos são de Deus.”

Essas palavras indicam claramente não só que os primeiros cristãos praticavam o Espiritismo, como nós o entendemos, mas que também esbarravam nas mesmas dificuldades que nós outros. Não há o que mais perturbe do que o fato de receber alguém uma longa e conexa narrativa, cheia de minudências, e verificar depois que tudo aquilo não passa de um enredo. Não obstante, devemos ter em mente que, se em um caso tudo se obtém absolutamente exato, ele prevalece sobre muitos outros em que tenha havido mistificação. Dá-se então o que se daria com o recebimento de um telegrama sem nenhum erro: a certeza de que houve uma linha e um aparelho que o transmitiram, embora ambos, depois, se tivessem quebrado.

Cumprido, porém, reconhecer que o fato é desconcertante e de molde a levar uma pessoa a duvidar das mensagens recebidas, enquanto a autenticidade destas não fica provada. Dessas falsas influências são parentes próximos todos os Miltons que não podem versejar, todos os Shelleys que não podem rimar, todos os Shakespeares que não podem pensar e tantas outras personificações absurdas, que lançam o ridículo sobre a nossa causa.

Ao que penso, há fraudes deliberadamente praticadas, assim do lado de cá, do nosso mundo, como do de lá, do mundo invisível. Dizer, porém, que elas invalidam completamente toda a questão é uma insensatez tão grande quanto à de pretendermos

anular o nosso próprio mundo porque aí encontramos pessoas que nos desagradam.

Uma coisa posso em verdade afirmar e é que, a despeito de todas as mensagens falsas, desde que explano este assunto, ainda se me não deparou uma que fosse blasfematória, grosseira ou obscena. Tais incidentes devem ser de natureza muito excepcional. Penso também que o que se alega contra o Espiritismo como causador da loucura, da obsessão e por aí adiante não passa de asserções totalmente imaginárias. As estatísticas dos hospícios não as justificam e os médiuns vivem tanto, em média, quanto qualquer indivíduo. Julgo, todavia, que o abuso das sessões pode esgotá-los.

Desde que, portanto, vos acheis convencido da veracidade dos fenômenos, as sessões de experimentações físicas perderam sua razão de ser e aquele que, homem ou mulher, se ponha a sair de uma sessão para outra corre o risco de tornar-se um maníaco. Aqui, como em todas as outras práticas, há o perigo da forma eclipsar a realidade.

Aquele que se empenhe em levar sempre mais e mais longe as provas físicas pode vir a esquecer-se de que o objeto real de todos esses fatos é, como já assinalei, dar a certeza quanto ao futuro e, quanto ao presente, a força espiritual necessária a apreendermos devidamente a natureza transitória da matéria e a importância absoluta do que é imaterial.

Assim, pois, a conclusão que tiro das minhas longas pesquisas da verdade é que, apesar das fraudes ocasionais, que os espiritistas deploram, a despeito da desorientação das idéias, que eles não apóiam, há no movimento espiritualista um núcleo grande e sólido de demonstrações infinitamente mais próximas da prova positiva do que em qualquer sistema religioso que eu conheça.

Conforme mostrei, esse movimento surge menos como coisa inteiramente nova do que como o restabelecimento de uma coisa já existente. Porém, para esta época de materialismo, o resultado é o mesmo. Passaram indubitavelmente os tempos em que às opiniões amadurecidas e refletidas de homens quais Crookes,

Wallace, Flammarion, Richet, Lodge, Barrett, Lombroso, os generais Drayson e Turner, o sargento Ballantyne, W. T. Stead, o juiz Edmonds, o almirante Osborne Moore, o falecido arcediácono Wilberforce e toda uma plêiade de outras testemunhas, podiam ser desprezados como “coisas morrinhentas”, ou como “arengas fastidiosas”.

Segundo bem o disse Mr. Arthur Hill, chegamos a um ponto em que se tornou supérfluo buscar mais provas e em que o peso das negações recai todo sobre os que negam. Acontece mesmo que os que clamam por provas adotam como norma não se darem ao incômodo de examinar as que já existem. Cada um parece entender que o assunto deve todo ser considerado *de novo*, porque quer informar-se a seu respeito.

O método seguido pelos nossos contraditores consiste em agarrarem-se àquele que por último formulou a questão – neste momento creio que é Sir Oliver Lodge – e tratá-lo como se expendesse opiniões novas, apoiando-as nas suas próprias afirmativas, sem levarem em conta a cooperação de muitos investigadores que o precederam. Não é um método honesto de crítica, porque em cada caso a concordância dos testemunhos constitui o verdadeiro fundamento da convicção.

Todavia, há, de fato, casos em que um único testemunho basta para firmá-la. Se, por exemplo, o conhecimento de forças até então desconhecidas nos adviesse tão-somente das pesquisas feitas pelo doutor Crawford, de Belfast, que, colocando o seu médium amador na cadeira de uma balança, com os pés isolados do chão, conseguiu observar nele uma diferença de peso correspondente ao de muitas libras⁷ durante a produção dos fenômenos, resultado que obteve e registrou com as cautelas de um espírito verdadeiramente científico, não vejo como se possa vacilar. Os fenômenos estão e hão estado desde muito tempo firmemente provados para quem quer que se mostre despido de prevenções. Sente-se que o período da investigação passou e que se abriu há muito o da construção religiosa.

Com efeito, devêramos satisfazer-nos com a observação dos fenômenos, sem atentarmos no que eles significam, exatamente como faria um grupo de selvagens que contemplasse uma insta-

lação telegráfica sem se preocupar com apreciar as mensagens que ela transmite; ou cumpre que tomemos a resolução de aplicar-nos a definir essas sutis e hábeis comunicações do Além, para com elas construirmos um sistema religioso, que resulte assente, pelo nosso lado, sobre a razão humana e, pelo outro, sobre a inspiração espírita?

Passou a época em que tais fenômenos constituíam um divertimento frívolo. Agora se apresentam como discutível novidade científica. Vão tomando ou tomarão de futuro a feição de fundamentos de um sistema preciso de idéias religiosas, de uma parte, confirmativo dos antigos sistemas e, de outra, inteiramente novo. As provas sobre as quais se apóia esse sistema são tão abundantes que só considerável biblioteca poderia conter. Além disso, as testemunhas dos fatos não são pessoas obscuras que vivam imersas nas sombras do passado, inacessíveis, portanto, ao nosso exame. São, ao contrário, contemporâneos nossos, homens de caráter e inteligência, respeitados por todos.

A situação, a meu ver, pode resumir-se numa simples alternativa. Ou se admite que houve uma epidemia de loucura que se alastrou por duas gerações humanas e dois grandes continentes, atacando homens e mulheres que a todos os outros respeitos se conservaram eminentemente sãos; ou então se há de admitir que nestes últimos anos temos recebido, de fontes divinas, uma nova revelação, que representa o maior acontecimento religioso verificado depois da morte do Cristo (visto que a Reforma não foi mais do que uma nova disposição dada ao que já existia e não a revelação de novos princípios) e que muda completamente o aspecto da morte e o destino do homem. Entre essas duas hipóteses nenhuma outra posição firme existe. As teorias segundo as quais no Espiritismo tudo é fraude ou ilusão não encontram provas em que se apóiem. Ou é mera loucura, ou uma revolução nas idéias religiosas, revolução que nos dá como fruto uma extrema intrepidez em face da morte e imensa consolação quando sobre aqueles que nos são caros desce o véu.

Muito me apraz acrescentar aqui algumas breves observações práticas àqueles que reconhecem a verdade do que digo. Achamo-nos em presença de uma manifestação imensa e nova, da

mais considerável de que nos dá notícia a história do gênero humano. Como usar dela? Penso ser para nós dever de honra externar a nossa crença, especialmente aos que sofrem. Feito isto, não devemos forçar a mão e sim deixar que do resto se encarregue uma sabedoria mais elevada do que a nossa. Não queremos subverter religião alguma. Desejamos tão-somente atrair os inclinados à materialidade, tirá-los do vale apertado em que se encontram e trazê-los ao cume onde respirarão ar mais puro e contemplarão outros vales e outros cumes. As religiões se mostram em grande parte petrificadas e decadentes, abafadas pelas fórmulas e sufocadas pelos mistérios. Podemos provar que não há necessidade nem de uma coisa nem de outra. Tudo o que é essencial é ao mesmo tempo muito simples e muito positivo.

Os que mais claramente reclamam o nosso auxílio são os que sofreram a perda de entes amados e anseiam por entrar em comunicação com eles. Mister se faz, contudo, que também nisto não haja exagero. Se tivésseis um filho na Austrália, não pretenderíeis que continuamente abandonasse o seu trabalho para vos escrever extensas cartas a todo propósito. Desde que obtivestes a prova, moderai vossas exigências. É justo que não vos deis por satisfeitos com qualquer prova sem valor; mas, se alcançastes o que desejáveis, podeis, creio, aguardar que transcorra o breve período que nos separa do momento em que todos estaremos de novo reunidos.

Mantenho, presentemente, relações com treze mães que se acham em comunicação com seus filhos desencarnados. E, dos maridos dessas mulheres, aqueles que estão vivos confirmam a exatidão da prova obtida. Ao que sei, apenas uma dessas famílias já antes da guerra tinha conhecimento dos fenômenos psíquicos.

Alguns desses casos apresentam certas peculiaridades dignas de nota. Em dois deles as figuras dos rapazes mortos apareceram em fotografias ao lado das de suas mães. Noutra, a primeira mensagem dirigida à mãe do morto lhe veio ter às mãos por intermédio de um estrangeiro, a quem o endereço da mulher foi dado com a maior exatidão. Depois, as comunicações se tornaram diretas. Num terceiro caso, o método adotado para a transmissão das mensagens consistiu em fazer referências a determi-

nadas páginas e linhas de livros esparsos por diversas bibliotecas, compondo esses fragmentos uma comunicação. Este processo afasta todo receio de ação telepática. Com efeito, não há possibilidade de que uma verdade seja provada por quem ainda não teve dela a prova.

Como proceder? Aí é que está toda a dificuldade. Há homens sinceros e há fraudes. Cumpre obrar com prudência. Não vos será difícil saber até onde vão os médiuns profissionais. Mesmo com os melhores, pode dar-se que não consigais senão coisas inteiramente confusas. As condições são muito enganosas. Todavia, alguns obtêm resultados imediatos. Não podemos, pois, rejeitar as leis, porque a lei atua do outro lado exatamente como deste.

Quase todas as mulheres são médiuns não desenvolvidos. Que elas experimentem a sua faculdade para a escrita automática. Ainda aqui é necessária a maior precaução para nos não expormos a decepções, convindo guardar uma atitude reverente e devocional. Se assim fizerdes, alguma coisa lograreis, porquanto do Além provavelmente alguém estará empregando esforços correspondentes aos vossos.

Pessoas há que condenam as comunicações sob o pretexto de que embaraçam o progresso dos que daqui partiram. Nada prova que tal se dê. O que, muito ao contrário, os espíritos dizem é que se sentem amparados e fortalecidos se conseguem comunicar-se com aqueles a quem amam. Poucas páginas conheço mais comovedoras, na simplicidade da sua juvenil eloqüência, do que aquelas em que Raymond pinta os sentimentos dos espíritos de muitos mancebos desejosos de se comunicarem com seus parentes e que o não podem fazer porque a ignorância e os preconceitos, da parte destes, opõem intransponível obstáculo. “Penoso vos é – diz ele – pensar que vossos filhos morreram; entretanto, uma porção de gente assim pensa. Revoltante, porém, é ouvir estes jovens se queixarem de que ninguém jamais lhes fala daí. Isto me magoa profundamente.”

Antes de tudo convém ler o que se tem escrito sobre esse assunto. Disso muito se têm descuidado não só os materialistas, como também os crentes. Impregnai-vos desta grande verdade.

Familiarizai-vos com a inegável evidência. Deixai de lado os fenômenos e assimilai os ensinamentos de livros admiráveis como *After Death (Depois da Morte)* ou como *Spirit Teachings (Ensinos dos Espíritos)* de Stainton Moses. As obras desse gênero, de valores diferentes, mas todas formando uma média elevada, enchem uma biblioteca inteira. Alargai e espiritualizai as vossas idéias. Mostrai os efeitos delas na vossa maneira de viver. A abnegação é a chave do progresso. Realizai-o considerando-o, não como imposição de crença ou artigo de fé, mas como fato tão tangível quanto as ruas de Londres, reconhecendo que caminhamos a passos largos para uma outra vida, onde todos serão verdadeiramente felizes, e que as únicas coisas capazes de obstarem ao gozo dessa felicidade ou de o retardarem são a loucura e o egoísmo praticados nestes poucos anos de passagem pela Terra.

Cumprir repetir que se a nova revelação pode parecer destruidora para os que sustentam os dogmas cristãos com extrema rigidez, efeito inteiramente oposto ela produz nos que, como sucedeu a tantos dos modernos pensadores, não chegaram a considerar toda a contextura do Cristianismo uma grandíssima ilusão. Já ficou evidenciado claramente que, entre a nova revelação e a antiga, apesar de esta se achar desfigurada pelo tempo e mutilada pela ação do homem e do materialismo, tantas semelhanças há que denotam ser, em geral, o mesmo esquema de ambas e terem as duas, indubitavelmente, uma origem comum.

Verifica-se que as idéias aceitas de uma outra vida após a morte; da existência de espíritos superiores e inferiores; de uma relativa felicidade dependente do nosso proceder; da expiação pelo sofrimento; de espíritos guardiões; de altos instrutores; de um infinito poder central; de círculos que, sobrepondo-se, cada vez mais se aproximam desse centro; verifica-se, dizemos, que todas essas concepções surgem de novo, mas agora confirmadas por muitos testemunhos.

Foram somente as pretensões à infalibilidade e ao monopólio, a hipocrisia e o pedantismo dos teólogos e ainda os ritos instituídos pelos homens, que desviaram a vida das idéias inspiradas por Deus. Foi isso unicamente o que adulterou a verdade.

Não posso terminar melhor este pequeno volume do que me servindo de palavras mais eloqüentes do que quantas eu pudesse escrever e que compõem esplêndido modelo não só do estilo como também do pensamento ingleses. Elas são do grande pensador e poeta Gerald Massey e datam de muitos anos.

“O Espiritismo foi para mim, do mesmo modo que para muitos outros, como que uma elevação do meu horizonte mental e a entrada do céu. Foi como que a fé a se formar dos fatos. Tanto assim que, sem ele, eu só posso comparar a vida a uma travessia feita, a bordo de um navio com as escotilhas fechadas, por um prisioneiro, que vivesse todo o tempo alumado pela luz de uma vela e a quem de súbito, numa esplêndida noite estrelada, permitissem subir pela primeira vez ao tombadilho, para contemplar o prodigioso mecanismo do firmamento, flamejando a glória de Deus.”

Documentos Suplementares

I

A outra vida

Assinalei no texto o modo notável pelo qual as narrações feitas da vida futura, embora provenientes das mais variadas e distintas fontes, concordavam nos pontos essenciais, concordância que por vezes se estende às minudências. A diversidade aparece nelas quando a visão, por mais completa, abrange e descreve mais de um plano. Porém as descrições dessa região feliz a que o comum dos mortais pode aspirar são muito conformes.

Depois que escrevi o que ficou para trás, li três novas descrições, sem ligação alguma entre si, que confirmam o que acabo de dizer. Uma delas foi dada por A King's Counsel, no seu recente livro *Heard a Voice (Ouvi uma Voz)*, que recomendo aos pesquisadores, se bem se lhe note um forte pendor para o catolicismo romano, o que mostra quão persistentes são em nós as primeiras diretrizes dos nossos pensamentos.

A segunda se encontra no livrinho *The Light on the Future (A Luz sobre o Futuro)* dando, acerca do Além, informações minuciosas e interessantes, obtidas por um círculo sério e respeitável de Dublin.

A terceira consta de uma carta particular que me dirigiu Mr. Huber Wales e é de todas, penso, a mais instrutiva. Mr. Wales é um investigador cauteloso e mais céptico do que crédulo, tanto que com incredulidade rejeitou as comunicações que conseguira obter ele próprio, por meio da escrita automática. Tendo lido o que eu publicara acerca das descrições feitas da vida no Além, foi buscar ao seu arquivo os escritos aos quais tão pouco valor tinha dado outrora, quando saíram da sua pena, e eis o que a respeito me escreveu:

“Depois de ler o vosso artigo, senti-me abalado, quase assombrado, pela circunstância de as narrativas que me haviam

sido transmitidas, relativamente às condições da existência após a morte, coincidirem, creio que até nas mínimas particularidades, com as que apresentastes como resultado do colecionamento, que fizestes, de material recebido de várias procedências. Não descubro nas minhas precedentes leituras o que quer que possa explicar essa coincidência. Afirmando que ainda nada lera do que tendes publicado sobre o assunto. Propositadamente evitara ler *Raymond* e outros livros semelhantes para que o que eu alcançasse não se ressentisse da influência dessa leitura. Os *Proceedings*, que a esse tempo eu tinha lido, da *S. P. R.*, não tratam, como sabeis, das condições da vida de além-túmulo. Seja como for, obtive, em épocas diferentes (como o mostram as notas que escrevia no mesmo momento), informações de que, nessa fase posterior da existência, os seres têm corpos que, conquanto imperceptíveis para os nossos sentidos, são para eles tão sólidos como os nossos para nós; que esses corpos apresentam as características gerais dos nossos, porém aformoseadas; que os espíritos não têm idade nem sofrimento; que entre eles não há ricos nem pobres; que usam vestuários e se alimentam; que não dormem, se bem aquelas informações falem de ocasional passagem por um estado de semiconsciência a que dão o nome de “adormecimento”, estado que, segundo me parece, se assemelha fortemente ao de hipnose; que, transcorrido um período em geral mais curto do que a média da vida na terra, eles entram numa nova fase de existência; que os que se assemelham pelo pensamento, pelos gostos e pelos sentimentos, gravitam agrupados; que os esposos não se reúnem forçosamente, mas que o amor entre eles subsiste, escoimado dos elementos que, na Terra, muitas vezes obstam à sua perfeita realização; que logo depois da morte terrena os espíritos passam por uma fase de repouso semiconsciente, de duração variável; que são inaptos para experimentarem sofrimentos corporais, porém suscetíveis de sentirem, por vezes, ansiedades morais; que o que se chama morte dolorosa é coisa “absolutamente desconhecida” deles; que as crenças religiosas nenhuma diferença determinam nas condições do viver espiritual; que a vida para eles é, no seu conjunto, intensamente feliz, não alimentando, nenhum deles, o desejo de voltar à Terra.

“Nenhuma referência me foi feita ao trabalho” dos espíritos, tomado esse termo na acepção que lhe é própria; mas, ao que dizem os informantes, eles se interessam por várias ocupações. Isto, provavelmente, não passa de uma outra maneira de dizer a mesma coisa. Trabalho, entre nós, significa habitualmente “trabalhar para viver” e esse, como enfaticamente me informaram, não é para eles o caso, visto que são “providos”, por misteriosa forma, de tudo quanto à vida reclama.

“Também nenhuma alusão me fizeram a qualquer “estado penal temporário”. Colhi, entretanto, que os espíritos começam a sua vida no Além do ponto de desenvolvimento intelectual e moral em que deixaram a vida terrena. E, pois que a felicidade deles se baseia principalmente na simpatia, os que lá chegam em condições morais pouco elevadas se vêem por tempo mais ou menos longo privados da capacidade de apreciar essa felicidade e de gozá-la.”

Acrescentarei a este último testemunho um outro livrinho, que me passou pelas mãos, intitulado *Do Thoughts Perish? (Morrem os Pensamentos?)*. Embora tenha guardado o anonimato, seu autor é evidentemente uma mulher de muita experiência e superior caráter. As datas das comunicações que o volume encerra mostram que elas foram dadas na mesma época em que Raymond deu as suas, mas sem nenhuma relação com estas. Todavia, as descrições capitais do que sentem e experimentam os mancebos que desencarnaram como soldados são absolutamente idênticas às de Raymond. Que dirá a crítica hostil dessa concórdia entre as narrativas de duas testemunhas absolutamente independentes uma da outra?

II

Escrita automática

Esta forma da mediunidade produz os melhores resultados. Entretanto, pela sua natureza, é suscetível de causar decepções. Escrevemos usando nós mesmos de nossas mãos, ou um poder estranho as dirige? Só pela comunicação recebida podemos dizê-

lo e mesmo assim temos que atribuir uma larga parte do resultado conseguido aos conhecimentos do nosso próprio subconsciente. Talvez convenha mencionar aqui um caso que me parece inteiramente probante, pelo qual pode qualquer investigador verificar a toda evidência que as mensagens obtidas por essa maneira não provêm daquele que as escreve. Esse caso é citado no recente livro *Man is a Spirit (O homem é um Espírito)* de Mr. Arthur Hill, tendo dito chamar-se capitão James Burton o que serviu de intermediário para a comunicação. Creio ser esse o mesmo médium (amador) por quem foram transmitidas as comunicações graças às quais se pôde determinar recentemente a posição das ruínas subterrâneas de Glastonbury.

“Uma semana depois dos funerais de meu pai – diz Burton –, estava eu escrevendo uma carta de negócios, quando me pareceu que alguma coisa se interpusera entre minha mão e os centros motores do meu cérebro e aquela escreveu, de modo espantoso, uma carta a que apôs a assinatura de meu pai, indicando que vinha dele. Fiquei completamente perturbado. Meu braço direito e todo esse lado de meu corpo se tornaram frios e dormentes. Durante um ano recebi dessas cartas freqüentemente e sempre quando menos o esperava. Só as examinando com uma lente lograva inteirar-me do que continham. A caligrafia era microscópica. Tratavam de grande cópia de assuntos dos quais me era impossível estar a par.

“Sem que eu o soubesse, minha mãe, que residia longe de mim cerca de sessenta milhas, perdera um cão que ela muito estimava e lhe fora dado por meu pai. Na mesma noite em que isso acontecera recebi deste uma carta enviando pêsames à minha mãe e declarando que o cão agora estava com ele. “Tudo o que amamos e concorre para a nossa felicidade nesse mundo – disse – vem a estar conosco aqui.” Um fato ocorrido anos antes do meu nascimento e que só ele e minha mãe conheciam, a respeito do qual ambos guardaram sempre o mais absoluto sigilo, me foi então revelado com esta recomendação: “Dize isto à tua mãe e ela saberá que sou eu, teu pai, quem escreve.” Minha mãe, que até então recusara acreditar na possibilidade do fenômeno, quando ouviu de mim o que me fora comunicado, desmaiou. Daí

por diante as cartas se tornaram para ela a maior consolação de sua vida, pois que ambos se amaram sempre, durante os quarenta anos que viveram casados, tendo-lhe a morte do marido despedaçado o coração.

“Pelo que me toca, estou tão convencido de que meu pai continua a existir com a sua personalidade original, como se ainda se achasse a portas fechadas no seu gabinete de estudo. Ele não estava mais morto do que o estaria se vivesse na América.

“Comparei o estilo e o vocabulário de tais cartas com os de que uso quando escrevo, sendo que me tornei conhecido como colaborador de uma revista, e nenhum ponto de semelhança descobri entre uns e outros.”

Mais provas existem da autenticidade deste caso, pelo que recomendo ao leitor o próprio livro donde extraí o que aqui deixo transcrito.

III

O abrigo de Cheriton

Num dos capítulos deste volume aludi a um recente caso de *poltergeist*, ou seja, de manifestação de um espírito malévolos. Essas entidades parecem que pertencem a uma categoria inferior e que se acham mais próximas das condições terrenas do que quaisquer outras que conheçamos. Essa relativa materialidade que apresentam as coloca muito abaixo na escala dos espíritos e torna indesejáveis as suas comunicações, dando-lhes, entretanto, um valor especial, par nos chamarem a atenção para esses grosseiros, mas inegáveis fenômenos, que nos forçam a reconhecer que há no Universo outras formas de vida.

Tais forças, existentes nas fronteiras da Terra, hão no passado atraído ocasionalmente a atenção geral, em diversas épocas e lugares, produzindo os casos de perseguição da família Wesley em Epworth, do tambor de Tedworth, dos sinos de Bealing, etc., que alarmaram o país durante algum tempo, representando cada um deles a atuação de forças desconhecidas sobre a vida humana.

Quase simultaneamente ocorreram o de Hydesville, na América, e o das desordens de Cideville, em França, tão assinalados que não puderam passar despercebidos. Deles se originou o atual movimento espiritualista que, por meio do raciocínio, partindo das pequeninas coisas para chegar às grandes, das mais grosseiras para atingir as mais elevadas, dos fenômenos para alcançar as mensagens, está destinado a dar à religião as bases mais firmes sobre que ela jamais descansou.

Assim, por insignificantes e estúpidos que possam parecer, foram eles a origem de um amplo desenvolvimento e são dignos de que lhes dispensemos respeitosa atenção, ainda quando os olhemos como críticos.

Muitas dessas manifestações se têm produzido nestes últimos anos em vários pontos do globo, tratando de cada um deles a imprensa em tom mais ou menos zombeteiro, aparentemente convicta de que o emprego da palavra “fantasmas” lança o descrédito no fato e põe termo a toda discussão. Note-se que cada um desses casos é considerado como fenômeno inteiramente único, de modo que o leitor comum nenhuma idéia chega a fazer deles como parte de um conjunto de provas acumuladas. No caso particular do abrigo de Cheriton os fatos se passaram da maneira seguinte:

Mr. Jaques, juiz de paz, homem educado e inteligente, que reside em Embrook House, Cheriton, perto de Folkestone, mandou fazer, defronte de sua casa, um abrigo contra os ataques aéreos. Cumpre dizer que a casa era muito velha, tendo sido em parte construída por uma antiga fundação religiosa do décimo quarto século. O abrigo foi construído na base de um pequeno penhasco, sendo de grés friável o fundo. Encarregou-se da execução do trabalho um empreiteiro de construções chamado Rolfe, a quem servia de ajudante um rapaz. Logo depois de haver encetado a obra, Rolfe se viu constantemente molestado por punhados de areia que lhe eram atirados ao rosto e que apagavam a candeia de que se servia. Imaginou que esses fenômenos fossem devidos a desprendimentos de gases ou à eletricidade. Tão freqüentes, porém, se tornaram que lhe estorvavam

completamente o trabalho. Ele se queixou a Mr. Jaques, que ouviu a história com absoluta incredulidade.

A perseguição, entretanto, continuou aumentando de intensidade. Já agora eram rajadas de vento tão fortes que deslocavam o material, objetos de peso considerável, tais como pedras e pedaços de tijolos, que passavam voando pela frente do construtor e iam bater violentamente de encontro às paredes. Mr. Rolfe, sempre em busca de uma explicação física para semelhantes fatos, foi ter com Mr. Hesketh, eletricitista municipal de Folkestone, homem instruído e inteligente. Mr. Hesketh visitou o lugar onde os fenômenos se davam e os observou por maneira a se convencer de que eram perfeitamente autênticos e inexplicáveis pelas leis ordinárias da ciência.

Um soldado canadense que se achava alojado em casa de Mr. Rolfe, ouvindo deste a narrativa dos sucessos, declarou estar convencido de que o construtor tinha “macaquinho no sótão” (sic) e partiu para o abrigo, donde acabou fugindo horrorizado, tais a violência e a continuidade com que os fenômenos se produziram. A criada grave da casa também presenciou o movimento dos tijolos sem que ninguém neles pusesse as mãos.

Mr. Jaques, cuja incredulidade decrescera gradualmente diante da evidência dos fatos, foi sozinho ao abrigo, quando ninguém lá se achava. Ao sair, cinco pedras atiradas do interior vieram bater na porta. Ele tornou a abri-la e viu as cinco pedras no chão. Sir William Barrett também lá foi, mas não pôde apreciar coisa alguma, tão pouco tempo se demorou no lugar. Eu, por minha vez, fiz quatro visitas à gruta, cada uma de cerca de duas horas, porém nada de extraordinário observei, a não ser que a construção de tijolos estava toda esburacada em consequência das pedradas que recebera. As forças produtoras do fenômeno nenhum interesse tinham, ao que parece, nas pesquisas psíquicas, pois que jamais se manifestaram a qualquer investigador, se bem houvessem demonstrado sua existência e sua ação a pelo menos sete observadores e deixado, conforme eu disse acima, sinais dessa ação, arrancando pedras de blocos de alvenaria de cimento, destinados a formar o pavimento, e arrumando-as em pequenas pilhas cuidadosamente dispostas. A suposição de que o rapaz,

ajudante do construtor, era quem se comprazia em praticar aquela malvadeza teve que ser posta de lado, visto que o fato se dava mesmo ele ausente.

Também um conceituado cientista visitou rapidamente o local e pretendeu explicar que os movimentos eram produzidos pela emanção de gases dos pântanos, o que nada adiantou. As perturbações continuam e ainda esta manhã (21 de fevereiro de 1918) recebi uma carta do engenheiro Mr. Hesketh, dando-me informações completas dos fatos mais recentes que lá se têm verificado.

Qual é a explicação *real* do caso? O que posso dizer é que aconselhei Mr. Jaques a mandar fazer escavações no local onde está sendo construído o abrigo. Eu mesmo procedia algumas investigações no cume do penhasco e me convenci de que a superfície do terreno ali fora há tempos revolvida até à profundidade de cinco pés no mínimo. Deduzo desta circunstância que naquele lugar qualquer coisa foi enterrada, de longa data, sendo provável, como no caso que referi no corpo desta obra, que exista ligação entre esse fato e o que se passa no abrigo. Provavelmente, Mr. Rolfe, sem que o saiba, é médium de efeitos físicos. Quando se encontra no limitado espaço da cava, está verdadeiramente num gabinete dentro do quais seus poderes magnéticos ficam acumulados, em condições de serem utilizados e naturalmente algum agente, que lá também se acha, deles se aproveita. Daí os fenômenos. Quando Mr. Jaques foi sozinho à gruta, o poder deixado por Mr. Rolfe, que ali passara toda a manhã, ainda não se tendo extinguido, tornou possível algumas manifestações. Esta a minha opinião. Bom é, porém, que não se seja dogmático em tais questões. Se fizerem sistemáticas escavações, conto que a história terá um epílogo.

Enquanto este livro se imprimia, chegou ao meu conhecimento um outro caso muito notável de *poltergeist*. Não posso, sem trair uma confidência, revelar particularidades e os fenômenos estão em curso. O que há também de curioso neste novo caso é que dele tive ciência porque um dos que estão sendo vítimas dos ataques invisíveis, uma senhora, leu as observações que publiquei acerca do abrigo de Cheriton e me escreveu, pedindo conse-

lho e assistência. É distante o lugar onde esses novos fatos ocorrem presentemente e por isso ainda não pude lá ir. Mas, pelas informações que hei recebido, parece que apresentam todas as características que se nos tornaram familiares e são acompanhados do fenômeno da escrita direta. Tenho sob as vistas alguns espécimes dos escritos produzidos.

Dois pastores tentaram pôr termo a essas manifestações, que por vezes são extremamente violentas, mas sem nenhum resultado. Sirva de consolação a outros que estejam sofrendo tão estranhos castigos o saberem que nos muitos casos dessa natureza, cuidadosamente observados, não há exemplo de ter sido causado nenhum mal físico, seja às pessoas, seja aos animais.

Depois que escrevi o que acima se lê com relação ao último caso a que me refiro, um terceiro pastor, que tem certo conhecimento das ciências ocultas, interveio e conseguiu, por meio de ponderações feitas bondosamente e de preces, que entidade invisível promettesse não mais atormentar o dono da casa. Resta ver até quando ficará esta em sossego.

Biografia de Sir Arthur Conan Doyle⁸

por Indalício H. Mendes
(Redator-Chefe de “Reformador”)

Fascinante, por muitos aspectos, a personalidade de Sir Arthur Conan Doyle, o famoso romancista, criador de Sherlock Holmes, há de sempre justificar comentários e considerações elevadas. Ele foi, sem exagero, um grande homem – pelo caráter, pelo talento, pela imaginação e pelo físico, enfim, um grande homem integral.

Nascido aos 22 de maio de 1859, em Picardy Place, Edimburgo, capital da Escócia, de descendência nobre, Arthur Conan Doyle desencarnou precisamente a 7 de julho de 1930. Embora os foros de nobreza, sua família não era abastada, tanto que ele teve de enfrentar enormes dificuldades para estudar e formar-se em Medicina. Seu pai chamou-se Charles Altamont Doyle e sua mãe Mary Foley, ambos católicos severos, sendo que alguns membros da família se extremavam num fanatismo tremendo. Mais adiante teremos ocasião de demonstrar a atitude firme e digna de Conan Doyle em face do pétreo sectarismo de seus parentes. Foi-lhe dado o nome de Arthur em homenagem a um tio materno – Arthur Conan Doyle, crítico de arte do *Art Journal*, célebre pela segurança, profundidade e rijeza de seus comentários.

*

Sua mãe foi uma mulher verdadeiramente excepcional, quer pela pureza do caráter, como pela franqueza das atitudes e também pelo respeito que devotava ao ser humano. Conan Doyle foi “o ídolo do seu coração”. Ambos se amavam enternecidamente e se compreendiam melhor, talvez em virtude da afinidade moral entre eles existente.

Não pretendemos descer a pormenores a respeito da educação recebida por Conan Doyle.

Será suficiente esclarecer que Mary Doyle deu de si o melhor que pôde para plasmar a vigorosa personalidade de seu ilustre filho. De como ele correspondeu aos esforços maternos, di-lo a História. Essa mulher admirável transmitiu-lhe estas máximas: “Sem temor diante dos fortes e humilde diante dos fracos.” Detestava as atitudes de esnobismo, as superfluidades comuns aos descendentes de nobres, mas cultivava com religioso respeito as tradições da família. Ela ensinou Conan Doyle, desde menino, a demonstrar sempre “cavalheirismo para com todas as mulheres, de alta ou de baixa condição”. Podemos dizer que Arthur foi o retrato moral de sua extraordinária genitora. Dela herdou todas as virtudes, assim como a energia, o amor ao trabalho, o destemor nos momentos difíceis ou perigosos, a coragem de dizer o que sentia, fosse qual fosse a situação; a facilidade em se colocar na defesa dos fracos, bem como o respeito indeclinável a seus pontos de vista, enquanto seus argumentos não fossem abalados.

*

Nascido, como dissemos, em ambiente rigorosamente católico, Conan Doyle foi aluno de padres jesuítas, em Stonyhurst, Lancashire, para onde foi depois de se haver preparado no colégio de Hodder House. Ali, teve ocasião de pôr à prova a sua personalidade em formação, sustentando opiniões divergentes das dos padres, mesmo quando isto lhe custasse punições severas. E não se abatia depois dos castigos, olhando de frente aqueles que o puniam por não lhe obterem a passiva anuência. Intimamente, porém, seus professores o admiravam, respeitando-lhe o talento. O famoso escritor inglês Thomas Babington Macaulay merecera a sua predileção. Conan Doyle se deleitava com suas obras e um dia compreendeu que Macaulay, embora de forma cavalheiresca, não acreditava muito no Papa. Sua condição de católico e admirador de Macaulay lhe impôs o dever de descobrir de que lado estava a razão, até que um dia ouviu um padre irlandês afirmar em público que todo aquele que não era católico iria para o inferno. Aí, nesse pormenor aparentemente insignificante, estava o ponto inicial de sua futura atitude de abandonar a religião tradicional da família. Conan Doyle ainda não havia pensado nessa situação delicada, que, segundo o padre, conferia

um privilégio especial aos católicos. Estava certo, porém, de que a afirmativa do sacerdote continha um erro essencial. Lembrou-se, então, de que sua mãe, a um tempo severa e romântica, considerava banais as asseverações fradescas desse quilate, dizendo-lhe:

– Usa sempre roupas internas de flanela, querido filho, e jamais acredites no castigo eterno.

Semelhante frase, dita por uma senhora austera, católica e altamente equilibrada, denotava que sua inteligência esclarecida não se amoldara a conceitos sectários e irracionais, porque ela também não renunciava às suas opiniões, uma vez convencida de que estava certa.

Mais tarde, Conan Doyle entrou em contacto com velho amigo da família, o Dr. Bryan Charles Waller, sábio, bondoso, agnóstico em matéria de religião e igualmente positivo em seus argumentos.

*

O Dr. Bryan Charles Waller exerceu, durante muitos anos, forte influência na vida intelectual de Conan Doyle, despertando-lhe o espírito para problemas profundos, que, afinal, lhe permitiram desvencilhar-se de vacilações oriundas do colégio de jesuítas, onde estudara. Entretanto, Walter Scott e Macaulay foram os autores que mais participação tiveram nos gostos e preferências de Conan Doyle, chegando mesmo a determinar sua inclinação literária. Mais tarde, Conan Doyle viria a declarar que Edgar Allan Poe, tanto quanto aqueles, acentuara a tendência que tomaria dentro da literatura. O primeiro conto de Poe, *O EscaravELHO Dourado*, foi lido por ele com grande sofreguidão.

Defesa da vida interior

Em 1878, Arthur Conan Doyle recebeu uma carta do Doutor Waller, na qual havia este trecho: “Esta vida interior viril é o que a Teologia quer destruir, fazendo-nos crer que somos vis, pecaminosos e degradados, o que é uma falsidade pestilenta e corta cerce o melhor que há dentro de nós, pois, se se tira o respeito que o homem deve a si mesmo, faz-se muito para transformá-lo

num magarefe e num malvado.” E acrescentou, incisivamente: “*Fazer* é uma palavra melhor do que *crer*, e *ação* é uma ordem mais segura que a *fé*.” Pode-se perceber, portanto, o vigoroso instinto anticlerical do Dr. Waller, que, assim, ia demolindo os já frágeis pontos de contacto de Conan Doyle com o Catolicismo.

Nesse ano, Arthur, aproveitando as férias escolares, empregou-se como aprendiz de médico num dispensário dos mais pobres bairros de Sheffield. A princípio, nada ganhava, trabalhando por casa e comida. Isto já representava alguma coisa, porque aliviava os encargos da sua valorosa mãe. Essa experiência durou apenas três semanas, porque ele não possuía suficiente prática, ou não podia, então, atender às exigências do Dr. Richardson. A verdade era também que os clientes, vendo Conan Doyle tão jovem, não confiavam muito nas suas aptidões para Medicina. Mais tarde ele comentaria o fato, ao escrever para casa: “Esta gente de Sheffield preferiria ser envenenada por um homem com barba do que ser salva por um homem imberbe.”

Trabalho vão

Sem nenhuma ocupação, Conan Doyle tinha ainda de esperar meses para iniciar o curso de outono da Universidade de Edimburgo. Que fazer durante esse tempo? Resolveu seguir para Londres, para tentar trabalho, e por meio da imprensa médica ofereceu seus serviços. Hospedou-se em casa de seu tio Henry, em Clifton Gardens, onde foi recebido com satisfação. Enquanto não arranjava nada, estudava pela manhã e à tarde passeava pelas ruas. Mas as coisas não podiam continuar assim. Sem esperança de se empregar em terra, Conan Doyle decidiu entrar para a Marinha, como ajudante de cirurgião. Nesse ínterim, recebeu uma carta do Dr. Elliot, do povoado de Ruyton, em Shropshire, informando que aceitava seus serviços. Esse Dr. Elliot, porém, não tinha um caráter muito firme e se enraivecia com facilidade. Um dia, zangou-se porque Conan Doyle ponderou que a pena de morte devia ser suprimida. “Não tolero que semelhante opinião seja dita em minha casa, entende, senhor?” – esbravejou ele, dirigindo-se a Conan Doyle. Sem se alterar, este lhe respondeu

na mesma hora: “Senhor, costumo expender minhas opiniões onde e quando queira.”

Não tardou, assim, que Arthur voltasse ao colégio, em fins de outubro. Trabalhara de graça para o Dr. Elliot, mesmo porque não havia sido combinada nenhuma remuneração pelos meses de trabalho que ali tivera. Mas, intimamente, confiava em que o Dr. Elliot lhe desse alguma coisa. Não veio nada. Então, Conan Doyle perguntou-lhe se lhe poderia pagar a viagem de volta e teve esta resposta, que define o perfil do Doutor Elliot: – “Meu amigo, a lei é assim. Se um assistente tem ordenado combinado, é pessoa reconhecida e com direito a reclamar que suas despesas sejam pagas. Caso contrário, transforma-se num cidadão que viaja para instruir-se. Por conseguinte, nada tem a receber...”

Convencido de que não dava resultado ser ajudante de médico, pelos calotes que sofria, Conan Doyle voltou a Edimburgo, onde, por força das circunstâncias, foi ser assistente de um Dr. Reginald Tatcliffe Hoare, de Clifton House, em Birmingham, que, como médico dos pobres, ganhava muito dinheiro.

Nessa época escreveu mais três contos: *O Mistério do Vale de Sasassa*, *A Granja Encantada de Goresthorpe* e *O Conto do Americano*.

Estava pensando em ser médico de um navio sul-americano, quando seu amigo Claude Augustus Currie, estando impossibilitado de viajar, lhe ofereceu seu camarote e sua função. Iria como cirurgião nominal, ganhando ao todo cinqüenta libras, e estaria durante sete meses percorrendo o Oceano Ártico.

Na baleeira “Hope”

Em fevereiro de 1880, lá se foi ele na baleeira “Hope”, deixando o porto de Peterhead no fim desse mês. Improvisaram uma luta de boxe e ele derrotou o mordomo do navio, logo na primeira noite, ganhando prestígio a bordo. O encontro de manadas de focas foi também motivo de alegria para Conan Doyle, que, assim, se refazia das muitas decepções que havia tido em terra. Em setembro de 1881, deixou o navio e regressou a Edimburgo, com a sua estatura completamente desenvolvida.

Diplomado

Nesse mesmo ano de 1881, Arthur Conan Doyle recebeu diploma de médico e durante algum tempo voltou a ser assistente do Dr. Hoare. Vários fatos ocorreram, ameaçando a sua tranquilidade profissional, até que conseguiu realizar seu desejo de fazer nova viagem marítima. Lá se foi ele no navio *Mayumba*, a caminho da costa ocidental da África. Sua mãe o animava. Um ou dois anos de viagem lhe permitiriam arranjar dinheiro suficiente para instalar um consultório por conta própria. Em outubro desse ano, porém, o navio foi açoitado por tremenda tempestade, depois de Tuskar Light. E todos viram um médico gigante permanecer destemerosamente metade da noite sobre o tombadilho lavado pelas águas. Foi essa uma de suas últimas noites de satisfação a bordo, nessa viagem acidentada à Costa do Ouro. Em janeiro de 1882, o *Mayumba* atracava de novo em Liverpool. Sentou-se Arthur numa sala onde exalava insuportável fétido de madeiras e metais queimados, e escreveu à sua sempre lembrada mãe uma carta, de onde destacamos estas linhas:

“Escrevo-lhe para dizer que cheguei são e salvo, depois de haver apanhado a febre africana e quase ter sido devorado por um tubarão. Como cena final, o *Mayumba* se incendiou entre a ilha da Madeira e a Inglaterra. Não penso voltar à África. O que ganho é menos do que poderia ganhar com a minha pena ao mesmo tempo, e o clima é atroz. Espero que não se decepcione por eu haver abandonado o navio, mas isto não é suficiente. Eu seria capaz de fazer qualquer coisa para não decepcioná-la ou causar-lhe desgosto. Podemos conversar a esse respeito.”

Conversaram e tudo se acomodou. Nessa ocasião, chegou uma carta da tia Anette, chamando-o a Londres, a fim de falar-lhe de suas probabilidades para o futuro.

Choque inevitável

Foi essa a primeira vez que Arthur Conan Doyle defrontou a primeira crise real de sua existência. Seus parentes católicos poderiam influir muito na sua vida futura. Mas ele, fiel à sua maneira de sentir, respondeu à tia Anette, dizendo que era agnós-

tico e que, diante disto, seria falta de honestidade de sua parte discutir o assunto com eles. Sua mãe, que daria tudo para ver o filho triunfante, deixou que ele fizesse o que pensava e guardou silêncio.

Não tardou que chegasse a resposta da tia Anette, insistindo para que ele, mesmo assim, fosse a Londres.

E para lá partiu o jovem e voluntarioso Arthur Conan Doyle.

*

Arthur Conan Doyle chegou à casa dos tios disposto a manter sua opinião, mas desejoso de evitar uma ruptura. Passeou os olhos pela sala de jantar da casa de Cambridge Terrace. Lá estava a grande mesa, em volta da qual já haviam sentado homens proeminentes, como Walter Scott, Disraeli, Thackeray, Coleridge, Wordsworth, Rossetti, Lever e muitos outros, todos eles amigos de seu tio John e que representavam o mundo literário que tanto atraía o jovem Arthur. Intimamente, não desejava crer que seus parentes se aborrecessem tanto por simples questão religiosa. Mas era justamente neste ponto que ele se enganava. Para seus tios, já envelhecidos, superiores e sem descendência, a única coisa que importava no mundo era a Igreja Católica. Seus antepassados tudo haviam dado por ela e para ela. Os bens materiais eram efêmeros: só a fé era real. No entanto, esse jovem Arthur, para quem eles haviam sido tão bondosos, estava pondo a própria alma em perigo, por causa de um perverso capricho.

Iniciado o “conselho de família”, Conan Doyle foi franco:

– Se eu exercesse minha profissão como médico católico, teria que receber dinheiro e declarar que acredito em algo em que realmente não creio. Vocês todos teriam o direito de me considerar o maior canalha do mundo, se o fizesse. Vocês não procederiam assim, não é certo?

O tio Dick, que ele conhecera tão sereno, estava furioso, e retrucou:

– Mas nós estamos falando da Igreja Católica. E isso é diferente.

– Eu sei. Mas em que sentido é diferente, tio Dick?

– Porque aquilo em que acreditamos é verdadeiro.

A fria simplicidade desta observação chocou-se com o ânimo de Conan Doyle, quando seu tio acrescentou:

– Se somente possuísse fé...

O rapaz, com a firmeza que lhe era habitual, contestou:

– Sim, é isso o que todos me dizem. Falam de ter fé como se fosse possível obtê-la por um ato voluntário. Poderiam pedir-me também que tenha cabelos negros em vez de castanhos. A razão é a mais alta faculdade que a criatura humana possui. Temos de fazer uso dela.

Esta resposta de Conan Doyle não abalou os tios. E o de nome James indagou:

– Que te diz a razão?

– Diz-me que todos os males da religião, dezenas de religiões destroçando-se umas às outras, provêm de serem aceitas coisas que não podem ser provadas. Dizem-me que esse Cristianismo de vocês contém muitas coisas nobres e magníficas, misturadas com uma quantidade de absurdos e futilidades sem-nome. Dizem-me...

Estava concluída a entrevista.

Ao deixar aquela casa, Arthur Conan Doyle sabia que uma porta se havia fechado para ele definitivamente. Ainda que os céus desabassem, jamais recorreria a esses tios – pensou com os seus botões. Um sobrinho a quem tantas vezes haviam agasalhado passou a ser um estranho. Alguém poderia dizer que ele pusera fora a grande oportunidade de sua vida. Mas Arthur Conan Doyle possuía excelente formação moral, tinha um caráter rijo, modelado por uma mãe excepcional. Por isto, reafirmou suas opiniões religiosas e jurou que jamais aceitaria algo que não pudesse comprovar.

Tentando a sorte

Decidido a vencer, Conan Doyle pôs-se a procurar colocações a bordo, sem resultado. Recebeu, nessa época, um telegrama de seu amigo Dr. Budd, que lhe oferecia um lugar em seu consultó-

rio, pois tinha muito serviço, prometendo a Conan Doyle trezentas libras no primeiro ano de trabalho, desde que ele se encarregasse de todas as visitas, de toda a cirurgia, de todos os partos. Esse Budd, porém, era um charlatão espetaculoso, embora médico capaz, e possuidor, realmente, de grande clientela. Numa palavra, um cabotino.

O que se passou, daí por diante, foi penoso para Conan Doyle, que ganhava apenas uma ou duas libras por semana. Enquanto Budd prosperava, ele marcava passo. Seus credores aumentavam, porque Budd não lhe pagava o que havia prometido. De boa-fé, Conan Doyle defendia o amigo, quando sua mãe dizia que Budd não era relação que servisse para ele, criticando duramente o caráter desse médico.

Indiscretos

Um dia, quando Conan Doyle estava ausente, Budd e a mulher remexeram-lhe os móveis e encontraram as cartas em que a mãe de Arthur se externava com franqueza a respeito desse falso amigo. Traíçoeiro, Budd nada disse, esperando que chegasse o mês de junho, quando, da maneira mais suave, declarou a Conan Doyle que este arruinara a sua clientela desde o começo. E explicou: “Essa gente da roça tem a cabeça dura. Vêm uma porta com dois nomes de médico e se atrapalham. Querem o Dr. Budd, mas receiam ser enganados pelo Dr. Doyle. Ficam nervosos e vão embora.”

Conan Doyle, que nada sabia do que havia sucedido, foi para o pátio e retirou com um martelo a placa que tinha o seu nome na porta principal. Budd aproveitou o ensejo para alegar que ele estava agindo precipitadamente e de mau humor. E lá se foi ele para Portsmouth, onde abriu um consultório, também sem êxito. Os primeiros tempos de clínica eram bastante difíceis. Como o Dr. Budd lhe havia prometido pagar-lhe uma libra por mês, para que ele desfizesse o acordo estabelecido, ele contava com essa libra para ir ajudando as despesas menores. Dois contos seus, *Ossos* e *A Ribanceira de Bluemansdyke*, publicados pelo editor de *London Society*, lhe renderam sete libras, e quinze xelins lhe foram pagos como adiantamento por outros trabalhos. Conan

Doyle chamara seu irmão Innes, de dez anos, para ajudá-lo como servente.

Comédia

Estava tudo indo assim, Conan Doyle às voltas com o aluguel da casa que ocupava e com outras despesas que não podia solver, quando o Dr. Budd lhe escreveu, dizendo haver encontrado, no quarto que ele ocupara, pedaços de certa carta rasgada. Juntara esses pedaços, depois que Arthur fora para Portsmouth, e verificara tratar-se de carta da mãe de Conan Doyle, que continha pesados insultos a ele, Dr. Budd, chamando-lhe “pouco escrupuloso” e “tapeador em falência”. Ora, isso era uma falsidade, pois a verdadeira carta se achava em poder de Conan Doyle. Mas, com esse stratagem, Budd livrou-se da obrigação assumida de lhe dar uma libra mensal...

Melhoria

Parece que, rompidos os laços que o ligavam a Budd, as coisas começaram a melhorar e os primeiros clientes foram chegando. Seu consultório tinha respeitabilidade e asseio. O tempo correria e um belo dia o correio entrega a Conan Doyle uma carta da firma Smith, Elder & Co., datada de 15 de julho de 1883, que saudava A. C. Doyle e lhe fazia entrega de um cheque de vinte e nove guinéus em pagamento de uma colaboração que o escritor enviara ao *Cornhill Magazine*, sob o título *A Observação de Habakuk Jephson*, que ainda não havia sido publicada.

Conan Doyle vibrou de satisfação. Conseguira finalmente entrar na fortaleza inexpugnável que era o *Cornhill Magazine*.

Entretanto...

*

A alegria de Conan Doyle por ver aceito o seu trabalho *A Observação de habakuk Jephson*, pelo *Cornhill Magazine*, cujo editor havia sido anteriormente Thackeray e estava então prestigiado pelo famoso novelista Robert Louis Stevenson, autor de *A Ilha do Tesouro*, *Dr. Jeckyll e o Sr. Hyde* e outros, não foi tão completa como seria de desejar. É bem verdade que o *Cornhill*

Magazine só publicava trabalhos de real valor e seu editor, o eminente James Payn, era muito exigente a esse respeito. Acontece, porém, que omitiram o nome de Conan Doyle e *Habakuk* apareceu sem a sua assinatura, tendo um crítico atribuído sua autoria a Stevenson, comparando-o a Edgar Allan Poe. É fácil imaginar o estado de espírito de Conan Doyle, ao ver um trabalho seu ser tão elogiado e atribuído a outros escritores. Foi preciso que ele se contivesse muito para deixar de dizer a todo o mundo ser seu *A Observação de Habakuk Jephson*. Lutando como estava, não pôde suprimir a colaboração para revistas más, modestas e baratas, como *London Society*, *All the Year Round* ou *Boy's Own Paper*.

Até 1884, exerceu sem grandes modificações a sua profissão de médico, sem abandonar, entretanto, a literatura. Ainda arranjava tempo para orientar seu irmão Innes na redação de um “diário”.

Conan Doyle salva o tio

Desde aquela entrevista em Cambridge Terrace que Conan Doyle sofria de amargura e não havia feito as pazes com os tios. Esteve uma ou duas vezes com o tio Dick, salvando-lhe a vida de um ataque de apoplexia. Este, depois, lhe enviou uma carta de apresentação para o bispo de Portsmouth, ajuntando que “não existia médico católico na cidade”. Ao ler isto, Conan Doyle ficou irritado. E a carta dizia mais: “Volta ao aprisco; aceita a fé e não passarás fome.” Num gesto brusco, largou a carta ao fogo. Não era homem de enfraquecer por qualquer coisa. Aquela carta, pelo contrário, lhe dava novas forças para enfrentar a situação delicada em que vinha vivendo.

Simplicidade

Doutra feita, sua mãe, a quem ele adorava, perguntou-lhe por que não usava em seus papéis o escudo de nobreza da família, o escudo dos Foleys, que era o orgulho dela. Conan Doyle esclareceu que “os escudos de família em uma folha de papel pareceria um pouco ostentoso”. Às vezes não dava resposta às cartas que recebia, por falta de dinheiro para o porte. Lutando sem desân-

mo, Conan Doyle começou, por fim, a derrubar as primeiras barreiras. Sua clientela foi aumentando, fato que comprovou ao ser saudado por seus conhecidos.

Exímio no futebol

Suas façanhas no críquete e no futebol contribuíam também para isso. Jogava com muita técnica e não menor energia, tornando-se popular no esporte. Fez-se sócio da Sociedade Literária e Científica, dividindo suas horas de lazer entre a literatura e o esporte. Chegou até a ganhar bela caixa de charutos finos em virtude da sua perícia no boliche. De quando em quando, para alegrar-se, recebia a visita de alguma de suas irmãs.

Êxito de *Habakuk*

Médico da Companhia de Seguros de Vida Gressham, Conan Doyle viu sua renda aumentar. Teve ocasião de fazer a dura experiência que o contacto com a dor e a morte impõe aos médicos. Quanto mais se dedicava à Medicina, mais se aprofundava nas letras. “Depois do aparecimento de *A Observação de Habakuk Jephson* – diz seu biógrafo Carr –, em janeiro de 1884, durante algum tempo não teve Conan Doyle oportunidade de ver publicado outro trabalho no *Cornhill Magazine*. Esse conto, feito com muita imaginação, baseava-se num abandonado barco misterioso, de nome “Mary Celeste”. Teve repercussão muito além dos elogios dos críticos. Ao longe, em Gibraltar, foi lido por um tal Sr. Solly Flood, intercessor de S.M., que ficou petrificado, e, por intermédio da *Central News Agency*, enviou um telegrama que percorreu a Inglaterra inteira.

Esse Flood escreveu também um longo relatório a seu Governo e aos jornais, salientando a ameaça que, para as relações internacionais, representavam as pessoas como esse doutor Jephson, as quais fingiam revelar fatos que oficialmente poderiam ser provados como falsos. Antes que a situação ficasse esclarecida, os jornais se divertiram bastante com os temores desse Sr. Flood. Para o Dr. Conan Doyle essa ocorrência foi o princípio de uma revelação. Poderia escrever ficções que muitas pessoas tomariam por ser a verdade mesma.

Assim, o ano de 1884 começava para ele com uma febre por escrever, mas o *Cornhill Magazine* lhe devolvia todos os trabalhos que ele enviava para publicar. Mas o grande escritor do futuro se alegrou ao receber convite para participar de um almoço que aquela revista oferecia a seus colaboradores, no Barco, em Greenwich. Foi nesse almoço que Conan Doyle conheceu Payn, diretor do *Cornhill Magazine*.

Injustiça

Ao ser divulgado um concurso literário do *Tit-Bits*, Conan Doyle para lá mandou um artigo. Mas ficou indignado ao ver que o prêmio havia sido concedido a um trabalho em todos os aspectos inferior ao seu. O que o irritava é que não havia justiça. Resolveu que os obrigaria a ser justos!

Fez ele, então, uma proposta-desafio, que o editor da citada revista deixou sem resposta, dada a impossibilidade de desmentilo. Indiretamente Conan Doyle vencera...

Primeiro casamento

Em junho de 1885, Conan Doyle, depois de defender tese, recebeu o título de M. D., Doutor em Medicina (Medical Doctor), e em agosto casou-se com a suave Louise Hawkins, “Toule”. Sempre lutando para que seus trabalhos literários fossem aceitos e buscando firmar-se na carreira médica, ele chegou ao Ano Novo de 1887.

Atraído pelo psiquismo

Estava então inteiramente preocupado com um novo e delicado assunto: o psiquismo. Havendo renunciado ao Catolicismo, que não satisfazia ao seu espírito evoluído, permaneceu materialista, tal como o historiador Gibbon, a quem tanto admirava. Mas o seu materialismo era mais de superfície, tanto que escreveu: “É verdade que se tem de subentender um Criador, se se concebe o mundo como um imenso maquinismo de relógio balançando sobre o vácuo.”

Contato com o Espiritismo

Ao iniciar-se o ano de 1887, Conan Doyle foi visitar um de seus doentes, o General Drayson, que lhe falou de alguma coisa chamada “Espiritismo”. Esse general era astrônomo e matemático notável. Disse a Conan Doyle de suas conversações com um irmão já desencarnado, razão pela qual se convertera ao Espiritismo. Conan Doyle ouvia, mas nada dizia. O general lhe assegurou que a existência além da morte era um fato provável. Prudente, Conan Doyle respondeu com algumas palavras que o não comprometiam. Desde, porém, que havia a possibilidade de prova, seu espírito ficou interessado em conhecer melhor isso a que denominavam “Espiritismo”. Em um caderno de notas intitulado “Livros que devo ler”, ele anotou certa quantidade de obras sobre o assunto, que, ao cabo de um ano, chegaram ao número de setenta e quatro. Depois de se dedicar ao estudo desses livros, Conan Doyle meditou muito sobre tudo quanto despertara sua atenção e dentro em pouco tempo conhecia profundamente os problemas oferecidos pelo Espiritismo. Duma feita, citou apaixonadamente o Alcorão: “Podes crer que o céu e a terra e o que há entre eles há sido feito por pilhéria?” Em outra ocasião, mencionou Hellenbach: “Há um cepticismo que sobrepassa em imbecilidade e obtusidade de um camponês.” Seria ele um céptico dessa espécie? Não, em absoluto. Já havia lido e comentado, escrevendo suas notas, *Os Milagres e o Espiritismo Moderno*, de Wallace, e o *Magnetismo Animal*, de Binet e Feré.

Experiências práticas

Chamando seu amigo Ball, arquiteto de Portsmouth, resolveu fazer sessões espíritas, que começaram em 24 de janeiro de 1887 e, com pequenos intervalos, se prolongaram até princípios de julho. Fez um relatório pormenorizado dessas reuniões, no qual se pode perceber a sua compreensão e o seu profundo interesse pelos fenômenos mediúnicos. Seis sessões foram realizadas com um médium experimentado, de nome Horstead. Numa dessas reuniões, esse médium disse estar vendo o Espírito de um velho de cabelos grisalhos, testa alta, lábios delgados e de fisionomia enérgica, que olhava fixamente para Conan Doyle.

Mensagem confirmada

Novamente, durante a sessão, esse velho se fez notado e um membro da sessão recebeu dele uma mensagem alusiva a Conan Doyle, a qual dizia: “Esse cavalheiro é médico. Não deve ler o livro de Leigh Hunt.” Ora, Conan Doyle confessou depois que estava vacilante sobre se deveria ou não comprar o livro *Os Dramaturgos Cômicos da Restauração*, e que o não adquirira devido à sua linguagem libidinosa. Jamais havia revelado esse fato a quem quer que seja, nem pensava nele nessa ocasião. “Portanto – esclarece –, não foi um caso de telepatia.”

Impaciência

Depois da surpresa dessa noite, Conan Doyle, atormentado pela dúvida e a indecisão, o que se pode notar pela leitura de seu “diário”, esforçava-se bastante por adquirir conhecimentos cada vez mais profundos a respeito dos assuntos psíquicos. Não era homem para aceitar as coisas facilmente, antes de provas que lhe dessem cabal satisfação. Resolveu, assim, continuar investigando e lendo, porque, depois de tantas leituras e severas investigações, ainda não havia chegado a uma conclusão definitiva. Pensou lá com seus botões: “Talvez eu não tenha investigado bem, com a atenção necessária.” E resolveu ser ainda mais exigente.

*

Passemos por cima de outros fatos da dinâmica vida de Arthur Conan Doyle, pois é nosso objetivo relatar preferentemente as suas principais atividades no Espiritismo. Muita coisa acontecera com ele, depois daquela primeira sessão espírita realizada em 24 de janeiro de 1887, além do seu crescente êxito literário. Em fins de janeiro de 1889, nasceu-lhe a filha Mary Louise; sua mãe, renunciando ao Catolicismo-Romano, ingressara na Igreja Anglicana. O famoso personagem de seus romances policiais, Sherlock Holmes, granjeara imensa popularidade, fato que desconcertava Conan Doyle, que desejava do público maiores atenções para as suas novelas históricas. Tanto assim que, posteriormente, “matou” Sherlock Holmes. Mas essa criação do seu pensamento foi tão prodigiosa, tão genial, que ele se viu forçado

a provocar-lhe a “ressurreição”, cedendo ao clamor de milhares de leitores, no Reino Unido, na Europa, nos Estados Unidos, no mundo!

Conan Doyle encontra Crookes

Encontrava-se o célebre escritor, em 1901, no vestíbulo de Whitehall Rooms, conversando com alguns amigos, quando do grupo se acercou o notável físico William Crookes, portador de numerosos títulos científicos e famoso também pela extraordinária coragem demonstrada, ao enfrentar os misoneístas da época, na defesa da realidade dos fenômenos espíritas, por ele investigados demorada e exaustivamente (ver *Fatos Espíritas*, edição da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro).

Negadores desconcertados

Depois de ligeira parada, Crookes, continuou seu caminho. Então alguém disse estar surpreso ante o fato de um homem de sua importância, de sua posição no mundo da Ciência, acreditar em Espíritos.

Conan Doyle atalhou, imediatamente:

– Acredito que, por detrás das crenças de Crookes, haja alguma coisa merecedora de...

– Não gracieje! – exclamaram alguns amigos.

– Não estou graciejando. Venho estudando cuidadosamente, há muito tempo, as investigações de Crookes, Oliver Lodge e Fredrich Myers. Parece que há nesse assunto muita coisa digna de...

– Fé? – interrompeu um deles, com ar de mofa.

– Pelo menos – concluiu Conan Doyle, seriamente – de consideração, já que não de uma fé verdadeira.

Ao proferir essas palavras, sacudiu a cabeça, de um modo que lhe era muito característico, e se dirigiu a outros amigos que solicitavam sua presença.

Justamente no momento em que ele se afastava, disseram-lhe:

– Até você, Arthur? Será que Saul também se encontra entre os profetas?...

Em 1902, o Rei Eduardo VII, da Inglaterra, considerando os grandes serviços prestados por Conan Doyle, a propósito da guerra dos “boers”, cogitava de conceder-lhe o título nobiliárquico de “Sir”. Fiel a seus rígidos princípios, Conan Doyle não se mostrava disposto a aceitar a honraria. Se havia sido útil a seu país, esclarecendo fatos, restabelecendo a verdade, fazendo crítica construtiva, até mesmo a autoridades inglesas; se havia sido útil, enfim, cumprira apenas seu dever. Nada mais. “Não aceitaria o que considerava condescendência, nem aceitaria vulgares migalhas de uma mesa qualquer” – escreveu um de seus biógrafos.

E asseverava Conan Doyle:

“Todo o meu trabalho em favor do Estado se macularia se eu aceitasse uma dessas “recompensas”. Pode parecer orgulho, pode parecer loucura, mas eu não posso aceitá-la. O título de maior valor que possuo é o de “doutor”, que devo aos sacrifícios de minha mãe e à sua determinação. Não quero trocar esse título por quaisquer outros.”

Apesar de enérgica resistência, Conan Doyle teve que aceitar os pontos de vista de sua mãe, que assim argumentara:

– Arthur: se queres conservar teus princípios, cometerás uma descortesia com o rei.

Embora contrariado, concordou Arthur Conan Doyle que seu nome figurasse na Lista de Honra dos que seriam contemplados com o título de “Sir”.

No “Dia da Coroação”, festejado alegremente na Grã-Bretanha e em todas as suas colônias, Conan Doyle teve assento reservado junto ao de Oliver Lodge, autor de “Raymond” e um dos grandes campeões do Espiritismo na Inglaterra, que receberia também nessa data o referido título. Quase esquecendo o fim de sua presença naquele local, começaram ambos a discutir assuntos do Espiritismo. Foi uma conversação animada, durante a qual pontos importantes foram debatidos com profundo interesse.

Curioso episódio

No ano de 1906, a 17 de fevereiro, o capitão Innes Doyle, seu irmão, que não o via desde que fizeram juntos a excursão aos Estados Unidos da América, em 1894, foi visitá-lo. A certa altura, enquanto Arthur Conan Doyle escrevia uma carta, ponderou Innes:

– Sabes, Arthur? Seria bastante estranho se a tua verdadeira carreira, em vez de estar na literatura, estivesse na política.

O novelista, sem erguer a cabeça, respondeu de imediato, quase automaticamente:

– Minha carreira não será nenhuma dessas. Será a religião.

– A religião?! – tornou Innes, visivelmente surpreendido.

Foi quando Conan Doyle caiu em si, olhando para o irmão com tal expressão de espanto no rosto, que ambos começaram a rir. Não sabia ele como semelhante resposta lhe saíra dos lábios e confessou considerá-la idiota.

– A verdade é que minha futura carreira nada terá com a religião.

Nesse momento, ignorava Conan Doyle para onde os fatos o levariam. As palavras irromperam-lhe involuntariamente da boca, como se algum Espírito dela se utilizasse para lhe dar aviso muito antecipado da mudança que sua orientação iria sofrer nesse sentido.

Desde que iniciara os estudos psíquicos, em Southsea, que Conan Doyle nutria grande afeto pelo Espiritismo, porque, na sua opinião, nele poderiam ficar incluídos todos os credos religiosos. Religião sem dogmas, sem liturgia nem intolerâncias, o Espiritismo inspirara-lhe simpatia muito profunda, porque coincidia com o seu espírito altamente humano, extraordinariamente reto e liberal.

Embora não houvesse dado maior importância ao fato ocorrido durante a visita de Innes, a realidade estava evidente: fora, sem dúvida, uma entidade invisível que se utilizara de seus lábios e da excelente oportunidade para dizer o que ele próprio

não admitia: sua futura carreira seria a religião, em vez da literatura ou da política.

Ninguém combateu com maior ardor do que ele a fraude e a mistificação. Embora ainda fossem fortes as suas dúvidas, não desistiu das investigações. Não podia compreender o recebimento de mensagens banais em sessões espíritas. Mas o entendeu logo que se familiarizou com a doutrina. Admirava o Espiritismo por sua elevação moral, porque não é religião sectária, não condena as criaturas humanas ao castigo eterno, não as ameaça de perder a alma por causa de simples pormenores doutrinários, nem possui a intolerância que tanto o irritara quando menino, predispondo-o contra todos os credos dominantes na Europa, como o Catolicismo e o Protestantismo. Com muito maior razão, depois de homem, repeliria estreitos e sombrios preconceitos religiosos. Justamente por motivo de sua experiência no Catolicismo, exigia provas concludentes no Espiritismo, apesar do afeto profundo que devotava à Terceira Revelação.

O livro de Myers

A Personalidade Humana e sua Sobrevivência à Morte do Corpo, de Fredrich Myers, publicado após o decesso do autor, em 1901, impressionou-o bastante. Daí a decisão de Conan Doyle, de fazer suas próprias experiências, com mesas e médiuns, sob severo controle e com todas as precauções contra a fraude e a mistificação, pois a campanha que se fazia, então, contra o Espiritismo, era tremenda, principalmente por aqueles que o negavam aprioristicamente e se recusavam a participar de longas e cansativas experiências para poderem chegar a honestas conclusões. Seu progresso era lento, mas seguro.

A enfermidade de sua primeira esposa Toule, entretanto, não lhe permitia dispensar maior tempo às investigações. A 4 de julho de 1906, ela desencarnou, vítima da tuberculose, apesar da carinhosa assistência de Conan Doyle, que lhe proporcionara viagens de cura, os melhores tratamentos conhecidos na época e o máximo conforto.

Em seguida, sobreveio o célebre “caso Edalji”, que lhe valeu, após intenso trabalho, grande vitória, pois pôde provar irrefutavelmente a inocência do acusado.

Evidências de mediunidade

Somos dos que admitem que todas as criaturas humanas são dotadas de mediunidade latente. Algumas se desenvolvem naturalmente ou mediante exercícios adequados, com a assistência do invisível. Outras nada sentem e por isso se julgam desprovidas desse dom. Tal era o caso de Arthur Conan Doyle. No entanto, ele demonstrou no decurso de sua vida um poder de intuição magnífico, inclusive através de suas novelas policiais e históricas.

Aquele episódio com o seu irmão Innes, as profecias de seu conto *Perigo*, publicado em 1913, antecipando práticas até então desconhecidas, que foram utilizadas na Guerra Mundial iniciada em 1914, além de outros fatos, reforçam a nossa suposição de ter sido Conan Doyle um médium intuitivo. Predisse a técnica da primeira conflagração mundial, relatando com fidelidade a guerra submarina, os torpedeamentos de navios neutros, os ataques aéreos, etc. Contou em 1913 o que aconteceria de 1914 a 1918!

*

Em setembro de 1907, consorciou-se pela segunda vez. Sua nova esposa chamava-se Jean Leckie. Em 1909, nasceu-lhe o primogênito desse matrimônio, Denis Percy Stewart Conan Doyle. Em 1910, o segundo, Adrian Malcolm Conan Doyle. Em 1914, visitou de novo os Estados Unidos, agora com sua esposa Jean, e foi ao Canadá, regressando à Inglaterra nos primeiros dias de julho. A 23 desse mês, o império austro-húngaro enviava o ultimato à Sérvia, dando início à Grande Guerra.

Cresce Conan Doyle diante da dor

Conan Doyle prestava valiosos serviços a seu país, na frente interna, pois a idade não mais lhe permitia o serviço militar. O primeiro golpe fatal desferido pela guerra em sua família atingiu

o cunhado, Malcolm Leckie. O bondoso gigante de Edimburgo tinha, porém, grandes reservas de força moral. Suportava corajosamente os contratemplos, mas sofria, vendo o sofrimento das mães que reclamavam os filhos, das esposas que indagavam pela sorte dos maridos, das noivas que choravam pelos noivos... Conan Doyle era forte, mas não era insensível.

Conan Doyle, espírito percuciente, estudou a guerra pelo lado de dentro, isto é, procurou penetrar o mundo íntimo das criaturas que, de um momento para outro, se viam despojadas da felicidade. Aquelas que se punham em contato com o Espiritismo pareciam mais resignadas, porque compreendiam melhor as coisas.

Onde estão nossos mortos?

Jamais o mundo havia passado por tamanha provação. Tal qual está no Evangelho, ouviam-se choros e ranger de dentes. Começaram a chegar a seus ouvidos, repetidamente, as perguntas dolorosas: “Onde estão nossos mortos?”

“Uma desventurada mãe, que havia perdido o filho, procura explicar, meio dementada pela dor: “Ele estava ali... ali... Então explodiu uma granada. Nada restou dele, nada que pudesse ser sepultado...” – escreveu Conan doyle, emocionado.

Que faria você?

Em fins de agosto, a *Gazeta Psíquica Internacional* fez em suas páginas estas perguntas a vários homens e mulheres eminentes: “Que faria você para consolar os que estão dominados pela dor? Como procederia para ajudá-los?” Houve mais de cinquenta respostas. A de Conan Doyle foi a mais curta: “Parece-me que nada posso dizer que valha a pena. Só o tempo pode mitigar a dor.” Suas palavras foram divulgadas no número de outubro de 1915. Não é que ele não compreendesse o sofrimento dos aflitos. Justamente porque o compreendia, não desejava dar esperanças infundadas...

Prova definitiva

Lily Loder-Symonds, amiga dos Doyle, era médium e escrevia automaticamente. Conan Doyle comentara: “Tinha-se a impressão de que alguma força se apoderava de seu braço e ela escrevia coisas que pareciam vir de entre os mortos. Todavia, devemos sempre olhar com suspeita a escrita automática, pois é tão fácil alguém enganar-se a si mesmo... Como podemos saber se o médium está ou não dramatizando certas facetas de sua personalidade?”

Essa dúvida demonstrava que, ainda aí, Conan Doyle não havia adquirido a convicção sólida que lhe veio depois.

Lily Loder-Symonds havia perdido três irmãos na guerra, além de um amigo, na pessoa de Malcolm Leckie. Começou a receber mensagens desses quatro jovens e algumas delas foram confirmadas posteriormente. Comentou Conan Doyle:

“As mensagens estavam cheias de pormenores militares que a moça ignorava. Um de seus irmãos informou haver conhecido um belga e, como deu seu nome, pudemos averiguar que assim acontecera efetivamente. Outros resultados, no entanto, foram falsos ou não puderam ser comprovados.”

Conan Doyle ficou impressionado com essas comunicações, mas não prosseguiu. Depois, sucedeu alguma coisa. Ele recebera uma mensagem de Malcolm Leckie, que mencionava fatos de caráter muito pessoal, somente deles conhecidos.

Durante trinta anos, aproximadamente, Conan Doyle havia buscado uma prova objetiva das comunicações dos Espíritos. Encontrara-a, finalmente, nessa mensagem de Malcolm, que lhe deixou profunda impressão.

Então, pôde afirmar:

“Por fim, deixei de duvidar.”

Dois anos mais tarde, em 1918, Conan Doyle publicou *A Nova Revelação* (ora reeditado pela Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro) e lá escreveu o seguinte sobre a comunicação de Malcolm Leckie e outros fatos:

“Em face de um mundo que agonizava, ouvindo narrar diariamente como morria a flor da nossa raça, nos primeiros albos da sua juventude, observando, à volta de nós, as esposas e as mães sem fazerem idéia clara do destino que teriam tido os seres a quem amavam, de pronto se me afigurou que o assunto, com que desde tanto tempo eu brincava, não se resumia apenas no estudo de uma força que escapa aos preceitos da ciência, que nele havia alguma coisa verdadeiramente tremenda: o desabar de muralhas entre dois mundos, uma mensagem inegável vinda diretamente do além, um brado de esperança e de encaminhamento para o gênero humano, na hora da sua mais viva aflição. O lado objetivo da questão deixou de me interessar. Convencido, afinal, da sua veracidade, não havia mais por que prosseguir. Seu lado religioso apresentava importância infinitamente maior. A campainhada do telefone é coisa em si mesma pueril, mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interesse. Afigurou-se-me que todos esses fenômenos, grandes e pequenos, eram campainhadas de telefones que, sem significação em si mesmas, bradavam aos homens: “Levantai-vos! Alerta! Atendei! Estes sinais são para vós outros! Eles vos previnem da mensagem que Deus vos quer enviar!” O que tem valor real é a mensagem, não os sinais.”

Em inspeção

Em 1916, o Ministério do Exterior da Inglaterra enviou Conan Doyle a uma viagem oficial de inspeção, além do Canal da Mancha. Homem ativo, semelhante convite lhe causou grande contentamento. Tivera a incumbência de visitar a frente italiana e escrever algo para estimular os peninsulares da luta contra a Áustria. Aí, quase foi morto por uma granada, mas gracejou: “Não me venham dizer que os austríacos não sabem atirar!” Sentia-se leve e bem disposto, porque se achava em ambiente de grande atividade, compatível com o seu temperamento, e também porque estava colhendo dados para apregoar uma grande verdade ao mundo.

Piave... Piave...

Sofrendo muito de insônia, Conan Doyle, certa vez, ouviu incessantemente a palavra “Piave”, atordoando sua cabeça: “Piave... Piave... Piave...” Lembrava-se de ter ouvido muito vagamente o nome desse rio que ficava atrás das linhas italianas. Não havia, porém, razão para que essa palavra martelasse seus ouvidos, pois nenhum caso particular o ligava a ela. Dada a insistência, resolveu anotar o nome e mostrou-o a alguns amigos. Conan Doyle lembrou-se dessa palavra, quando foi divulgada a notícia da grande vitória italiana na batalha às margens do referido rio. Tivera, pois, aviso do famoso acontecimento com bastante antecedência.

Nova possibilidade de revelação intuitiva a reforçar a hipótese de sua mediunidade é o que essa ocorrência parece demonstrar.

Arthur Conan Doyle resumia sua crença neste heptálogo:

- 1) a paternidade de Deus;
- 2) a fraternidade do homem;
- 3) a sobrevivência da alma;
- 4) a comunicação entre os vivos e os mortos;
- 5) a responsabilidade pessoal;
- 6) uma justiça divina premiando a cada um segundo seu merecimento e seus esforços;
- 7) uma progressão eterna.

“A revelação – disse ele em *A Mensagem Vital* – anula a idéia de um inferno grotesco e de um céu fantástico, por conceber uma elevação progressiva na escala da vida, sem mudanças monstruosas que em um instante nos transformem em anjos ou demônios.”

Conferências

Em 1917, Arthur Conan Doyle começou a fazer conferências espíritas, expondo e analisando os fenômenos psíquicos. Nunca mais parou, desde então, essa propaganda importante do Espiritismo-Religião. O que ele fez, os esforços que despendeu, os ataques sofridos, a fortaleza de ânimo revelada e a firmeza com

que se sobrepôs aos inimigos do Espiritismo, que também se tornaram, com isso, seus inimigos, puseram em relevo a elevação moral desse homem extraordinário, que não foi apenas um romancista de episódios policiais, mas um escritor de grande erudição, servido por uma inteligência viva e penetrante.

Tamanho é o prestígio de que ainda hoje goza o seu nome que todas as suas obras, ou quase todas, foram há pouco tempo publicadas em nosso país, não só as de aventuras, nas quais Sherlock Holmes, o precursor da polícia técnica, é o herói, como as de História, onde Conan Doyle põe em relevo grande cultura e peculiar “maneira de dizer”.

Cooperação

Doía-lhe ver a Humanidade devastada pela primeira conflagração bélica mundial. Em abril de 1917 os Estados Unidos entraram na guerra. Logo depois, a Revolução Bolchevista aumentou as preocupações da Europa. A frente russa, em julho, se desmorona perante o inimigo. Conan Doyle não parava. Fazia conferências espíritas, chamando a atenção do povo para a grandeza do Espiritismo, que constituía a prova cabal de que a morte não significa o aniquilamento da alma; e, como bom patriota, agia, colaborando com o Primeiro-Ministro inglês.

Kingsley

Preparava-se Conan Doyle para iniciar uma palestra espírita, em Nottingham, quando recebeu um telegrama, informando achar-se moribundo seu filho Kingsley. Homem forte, controlou-se. Apenas seus olhos se umedeceram. Admitindo que Kingsley desejaria que ele não suspendesse a conferência, iniciou-a em seguida. sua palavra não denunciou um só instante a emoção que o dominava. Duas semanas depois, era assinado o armistício... Mais tarde, numa fotografia de Conan Doyle, podia-se ver, ao seu lado, o Espírito de seu filho Kingsley, de uma nitidez admirável.

Em 1919, aos sessenta anos, Conan Doyle poderia aposentar-se de todas as atividades, porque sua vida, até ali, já fora bastante fecunda em numerosos sentidos. Ele, porém, não era homem de

ficar entregue à ociosidade e continuava empenhado, mais do que nunca, na propaganda do Espiritismo.

Par de Reino

Começou-se a falar em sua ascensão a Par do Reino Unido da Grã-Bretanha, que é a maior distinção a que um homem pode aspirar no império britânico. Era o reconhecimento, ou mais do que isso, a ratificação oficial do seu grande valor moral e intelectual.

Acontece, porém, que havia uma condição para que ele fosse Par do Reino: renunciar ao Espiritismo! Arthur Conan Doyle não tinha, no entanto, o temperamento dos acomodadores. Sabia que a sua fidelidade ao Espiritismo lhe faria perder a grande oportunidade, além de muitos amigos presos a preconceitos sectários. Mas, para ele, nada tinha tanto valor quanto a verdade e a verdade era o Espiritismo, que trouxera uma mensagem nova de conhecimento, paz e amor para a Humanidade que sofre!

Alguns anos antes, conta um de seus biógrafos, Douglas Sladen escrevera o seguinte a seu respeito: “Trata-se de um homem a quem se recorreria no caso de crise. Há poucos em Londres que não conheçam essa enorme figura, essa cabeça redonda com pômulos salientes e intrépidos olhos azuis, esse rosto franco e de bom humor. É um conferencista muito popular, agradável e entretido em assuntos leves, mas profundo e convincente nos momentos de crise. De todos os escritores de nossa época, é Arthur Conan Doyle quem mais merece ser chamado um grande homem.”

Um escritor norte-americano, no jornal *Free Press*, de Detroit, se referia à visita de Conan Doyle aos Estados Unidos, em 1894, e dissera: “Sábio conselheiro nas resoluções de importância e um refúgio seguro para os amigos que necessitam de seus bons ofícios.”

Depois de sua atitude, recusando a distinção de Par do Reino em troca do repúdio ao Espiritismo, esses homens manteriam a mesma opinião a respeito dele ou mudariam de atitude, para não perderem o prestígio e as vantagens decorrentes do apoio à

intolerância? Preferimos não avançar mais, pois provavelmente optariam pela última dessas hipóteses.

Compreensão

Conan Doyle não se revoltou contra aqueles que o criticaram e atacaram por causa disso. Achava que eles não tinham culpa, pois não haviam sido alcançados pela revelação que lhe iluminara o espírito, não fizeram as pesquisas e as experiências a que ele se dedicara exaustivamente. “Tinham, pois, o direito de ter opiniões contrárias, como ele, Conan doyle, se julgava também com o direito de sustentar as opiniões que defendia, se bem que o assunto, ele o sabia, não era questão de opiniões, nem de teorias, nem de decisões” – acrescenta o seu biógrafo.

Tolerante, superiormente compreensivo, disse à esposa:

– Estejamos preparados para o que disserem. Isso tem muita importância? – perguntou ele.

– Nada tem importância, Arthur, se você crê que deve proceder desse modo.

– É a única atitude que posso tomar. Toda a minha vida veio culminar nisto – o Espiritismo. É o mais grandioso fato que existe no mundo.

Sua decisão estava tomada. Que desabasse o mundo sobre ele. Arthur Conan Doyle continuaria de pé, como continuou.

Certa feita, quando se encontrava na Austrália, Conan Doyle teve de suportar venenosas considerações de um tal reverendo J. Blacket, a respeito do Espiritismo. Homem leal e decente, incapaz de argumentos capciosos e falsidade, ele se desgostava quando encontrava adversários que não tinham os mesmos escrúpulos. O reverendo, entre muitas das sandices habituais lançadas contra a Terceira Revelação, repisava o tema de que o Espiritismo é obra do demônio e os espíritas com este têm pacto firmado. Encarando seriamente a questão, Conan Doyle escreveu: “Digamos que o melhor exemplo é o do Cristo; quando os fariseus lhe fizeram essa imputação, ele respondeu: *Conhecê-los-eis, pois, pelos seus frutos*. Não posso compreender a mentalidade de quem pensa que é coisa do demônio o querer provar a

existência da vida além-túmulo, para poder assim refutar os materialistas. Se isso é obra do demônio, então parece que ele se reformou.”

Sua concepção filosófica, tal como a espírita, afirmava que “não é crível que Deus ajuda a um grupo da Humanidade contra outro. O ensinamento é que a fé e as crenças têm pouca importância ao lado do comportamento e do caráter. São estes últimos que determinam o lugar que a alma ocupará no Além. Todos os credos religiosos, cristãos e não cristãos têm seus santos e seus pecadores; se um homem é bondoso e humilde, não há por que temer pelo destino de sua alma, seja ou não membro de uma igreja organizada na Terra”.

Mediunidade admitida

Muita gente tem perguntado se Arthur Conan Doyle era médium. Acreditamos que sim. Ele mesmo, aliás, respondendo a leitores que se interessavam por mais contos sobre Sherlock Holmes, respondeu várias vezes:

“Só posso escrever o que me chega do Além.”

Advertência

Em 1929, Conan Doyle completou 70 anos. Achava-se em Bignell Wood. Sentia-se capaz ainda de ir à Escandinávia, cumprindo sua missão de conferencista. Pretendia depois visitar Roma, Atenas, Constantinopla. Recordava o que escrevera ao fim de sua viagem à África do Sul: “Voltarei mais forte de saúde, com as minhas crenças ainda mais sólidas, com mais desejo que nunca de combater pela maior de todas as causas: a regeneração por meio da religião, por meio do Espiritismo, que é direto e prático e, além disso, é o antídoto único contra o materialismo científico.”

Visitou Haia e Copenhague, chegou à Noruega e Suécia. Em Estocolmo, principalmente, fizeram-lhe calorosa acolhida e as ruas se encheram de gente para saudá-lo. Ocupou o microfone de uma das radioemissoras locais, onde sua voz surgiu lenta, clara e vibrante.

Tinha o objetivo de regressar a Londres para falar no Albert Hall, nas comemorações do dia do Armistício, pela manhã, e no Queen's Hall, à noite. A neve começara a cair. Então, repentinamente, o bondoso gigante de Edimburgo vacilou e caiu! Era a advertência de que sua vida corria perigo.

Transportaram-no de trem para o nº 16 do Buckingham Palace Mansions. Seus médicos o avisaram de que seria um suicídio se ele teimasse em usar da palavra, conforme prometera. Mas, como fizera em toda a sua vida, Conan Doyle não quis ceder, nem mesmo diante da “angina pectoris”. Cumpriria sua palavra, não só por se haver comprometido a fazê-lo, como porque se tratava da Cerimônia do Armistício em honra dos que – como seus filhos Kingsley e Innes – haviam partido para a guerra ao som da canção “Guardemos nossas Preocupações”.

Missão cumprida

Falou em Albert Hall pela manhã desse domingo, mas não sem dificuldade e com as pernas trôpegas. À noite, no Queen's Hall, fez o mesmo. E depois, quando a multidão que não pudera entrar, pois o local estava superlotado, pediu que ele falasse de novo, Conan Doyle insistiu em se dirigir a um balcão, sem chapéu, debaixo da neve que caía. Parecia que a sua força de vontade havia superado os males do corpo.

E cumprira sua missão. Estava satisfeito.

Desencarnação

Na véspera do Natal, desceu para a sala de jantar em Windlesham. Estava de bom humor, embora só houvesse chupado algumas uvas. O Dr. John Lamond, pastor presbiteriano, que havia algum tempo era seu companheiro de Espiritismo e que tantas vezes o ouvira imitar o professor Challenger, via Conan Doyle rir-se ao contar uma visita que fizera a Barry, em Stanway Court.

Na primavera de 1930, parecia que sua saúde melhorara. Tudo se passara bem. Chega o verão. Ele continuava trabalhando, continuava escrevendo, ocupando-se com a grande correspon-

dência. Quando passava do seu gabinete para o dormitório, caiu pesadamente ao chão. Ao mordomo que acudira, aflito, para ajudá-lo, ele disse calmamente:

– Não tem importância. Leve-me devagar. Que ninguém saiba disso, ouviu?

Não queria alarmar sua esposa Jean.

Aplicaram-lhe oxigênio. De seu quarto, Conan Doyle viu o amanhecer de um dia esplendoroso. Embora se sentisse muito fraco, quis levantar-se e sentar-se numa poltrona. Falava com dificuldade, mas ainda assim teve estas palavras para a esposa desvelada:

– Devia-se cunhar uma medalha para você, com uma inscrição assim: “Para a melhor das enfermeiras”.

Eram quase oito e meia. Jean e Adrian ladeavam-no, segurando-lhe as mãos com ternura. Mais além se encontravam Denis, Lena Jean e Mumpty.

Às oito e meia, Jean e Adrian sentiram nas mãos uma pressão relativamente forte. Conan Doyle se reanimou um instante e, embora sem fala, olhou um por um. Depois, com a maior serenidade se reclinou e fechou os olhos para sempre.

Era 7 de julho, quando desencarnava Arthur Conan Doyle, em Crowborough (Sussex).

Havia partido da Terra um dos espíritos mais nobres e valorosos que a Humanidade tem conhecido. A ele se referiu assim um de seus biógrafos, honesto e fiel, apesar de ser contrário ao Espiritismo:

“Pela causa da religião espírita, Conan Doyle deu seu coração, sua fortuna e, por último, sua vida.”

E num sentido espírita, referindo-nos à influência que ele deixou atrás de si, podemos acrescentar apenas isto:

“Não escrevamos seu epitáfio: ele não morreu.”

História do Espiritismo

Antes de concluirmos este esboço biográfico, sumamente lacunoso, pela impossibilidade de reproduzirmos tudo quanto

podemos colher a respeito desse notável escritor e admirável espírita, desejamos mencionar sua grande obra *História do Espiritismo*, aparecida pela primeira vez na Inglaterra, em 1926 (1º volume) e 1927 (2º volume). Dela há várias edições, entre as quais uma em castelhano, publicada em Buenos Aires, e, mais recentemente, uma em nosso idioma, aparecida em 1960 (Editora *O Pensamento*, São Paulo, SP).

Aspecto religioso do Espiritismo

Tem o título acima um dos capítulos desse livro importante. Vamos reproduzir alguns de seus trechos:

“O Espiritismo forma um conjunto de idéias e ensinamentos compatíveis com todas as religiões. Seus princípios fundamentais são a continuidade da personalidade humana e o poder de comunicações depois da morte, fatos básicos que têm uma importância primordial no Bramanismo, Maometismo, Parsismo e Cristianismo. Além disso, o Espiritismo se avanteja a essas religiões porque se dirige a todo o mundo. Só existe uma escola com a qual é absolutamente irreconciliável: a escola do materialismo, que tem esgotado o mundo e é causa radical de todos os nossos infortúnios. A compreensão e aceitação do Espiritismo são fatores essenciais para a salvação da Humanidade; do contrário, cada vez cairá ela mais baixo dentro do campo utilitário e egoísta do Universo.”

“Perguntar-se-á por que as antigas religiões não salvam o mundo de sua degradação espiritual. Responderemos: todas intentaram fazê-lo, mas todas têm fracassado. As Igrejas que as representam degeneraram e se tornaram mundanas e materiais. Perderam todo o contato com a vida do espírito e se contentaram com o referir-se aos tempos antigos e entregar-se a umas orações e a um culto externo à base de tão arrevedadas e incríveis teologias, que a inteligência honrada sente náuseas só em pensar nelas. Ninguém há se mostrado tão céptico e incrédulo acerca das manifestações do Espiritismo como o clero, não obstante ostentar uma crença que só se

funda em fatos análogos aos nossos, ocorridos outrora; sua absoluta negativa em aceitar agora esses fatos dá a medida da sinceridade de suas convicções.”

“Temos procurado demonstrar a existência dos sinais materiais que os governantes invisíveis da Terra enviam para satisfazer a procura de provas materiais exigidas pela mente da Humanidade atual. Temos demonstrado, mesmo assim, que a esses sinais acompanham mensagens espirituais semelhantes às que receberam as grandes figuras religiosas do mundo primitivo, renovando a fogueira de crenças que hoje está quase convertida em cinzas. Os homens haviam perdido o contato com as vastas forças que os rodeiam e o Espiritismo, que é o maior movimento registrado desde há dois mil anos, vem salvar-nos dessa situação, dissipar as nuvens que os envolvem e mostrar-lhes novos horizontes. Já brilha o sol da verdade no horizonte. Dentro em pouco o vale também estará iluminado.”

Bibliografia

- *The Life of Sir Arthur Conan Doyle*, de John Dickson Carr, tradução de José Donoso Yañez.
- *El Espiritismo – Su Historia, sus Doctrinas, sus Hechos*, de Arthur Conan Doyle.
- *A Nova Revelação*, de Arthur Conan Doyle, edição da Federação Espírita Brasileira, contendo “A Mensagem Vital”.
- *Conan Doyle – o Homem que eu Conheci*, por Harvey Metcalfe, “apud” *Revista Estudos Psíquicos*, de Lisboa.
- *Conan Doyle*, editorial da *Revista Constança*, de Buenos Aires.
- *Sir Arthur Conan Doyle*, número especial de *La Revue Spirite*, de setembro-outubro de 1959, editorial e artigos de Conan Doyle, Hubert Forestier e Annie Briere.

FIM

Notas:

-
- ¹ Cerca de 21 metros.
 - ² Referência ao livro de Sir Oliver Lodge, assim intitulado.
 - ³ Espírito perturbador, que se compraz em manifestações ruidosas e desordenadas.
 - ⁴ Ver documento suplementar nº III.
 - ⁵ Ver documento suplementar nº II.
 - ⁶ O grande autor se refere, obviamente, à fé dogmática imposta pelas religiões, denominada por Allan Kardec *fé cega*, conforme lemos no capítulo XIX, questão 6, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*:
“Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*.”
O Espiritismo, por sua vez – como se lê na questão 7 do mesmo capítulo –, prega a *fé raciocinada*, que “por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*” (Nota do revisor).
 - ⁷ Uma libra equivale a 453 gramas.
 - ⁸ Trabalho elaborado para a revista “Reformador” e dele transcrito, figurando na edição de 1980 (3ª edição), à guisa de introdução. (N.E.)